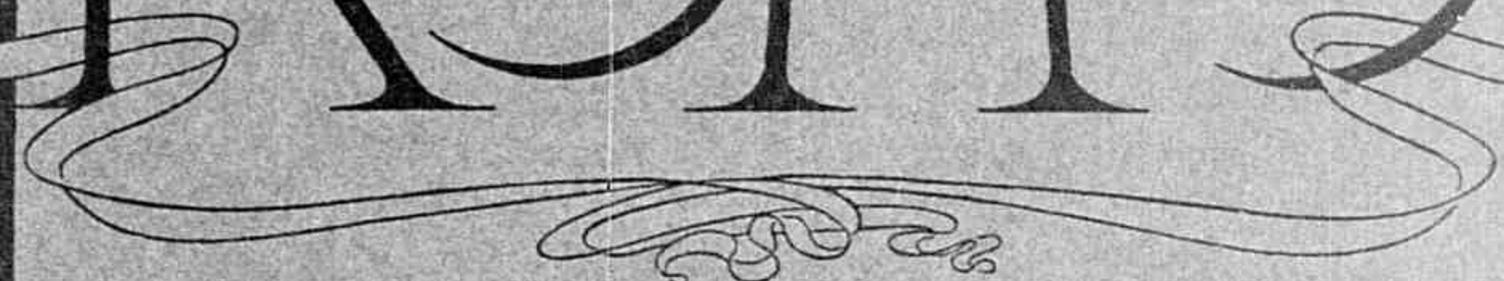


OUTUBRO DE 1908



# KOSMO



## SUMMARIO

Chronica.....	G. D.
Copacabana.....	Gravura
Sensações.....	William Shaw
O Rio Faranahyba.....	
Na Fronteira.....	Dionísio Cerqueira
Monumento ao Marechal Floriano....	Gravuras
Uma Volta do Passado.....	Euclides da Cunha
Honorio Mello.....	G.
Paisagens do Amazonas.....	Gravura
Noticia da Actual Litteratura Brasileira.	Machado de Assis
Exposição Nacional o pavilhão da Com- panhia Progresso Indutrial do Brasil	Gravura
Chronica da Saudade.....	Gonzaga Duque
Quadro Formozas Damas.....	André de Rezende
Começos Literarios do Brazil.....	José Verissimo
Enrico Ferri e o Clericalismo.....	Silva Marques
Recordações de Viagens.....	Eduardo Socrates

# A Equitativa

DOS

Estados Unidos do Brasil

**SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS  
SOBRE A VIDA**

Auctorizada a funcionar pelo decreto  
n. 2245 de Março de 1896

SEGUROS DE VIDA  
TERRESTRES E MARITIMOS

Negocios Realizados:

Rs. 200.000:00\$000

Sinistro pagos:

Rs. 5.000:000\$000

Fundos de Garantias e Reservas:

Rs. 8.000:000\$000

APOLICES COM SORTEIO SEMESTRAL  
EM DINHEIRO

**Ultima Palavra em Seguros de Vida**

INVENÇÃO EXCLUSIVA DA

**EQUITATIVA**

Os sorteios têm lugar em 15 de Abril  
e 15 de Outubro de todos os annos

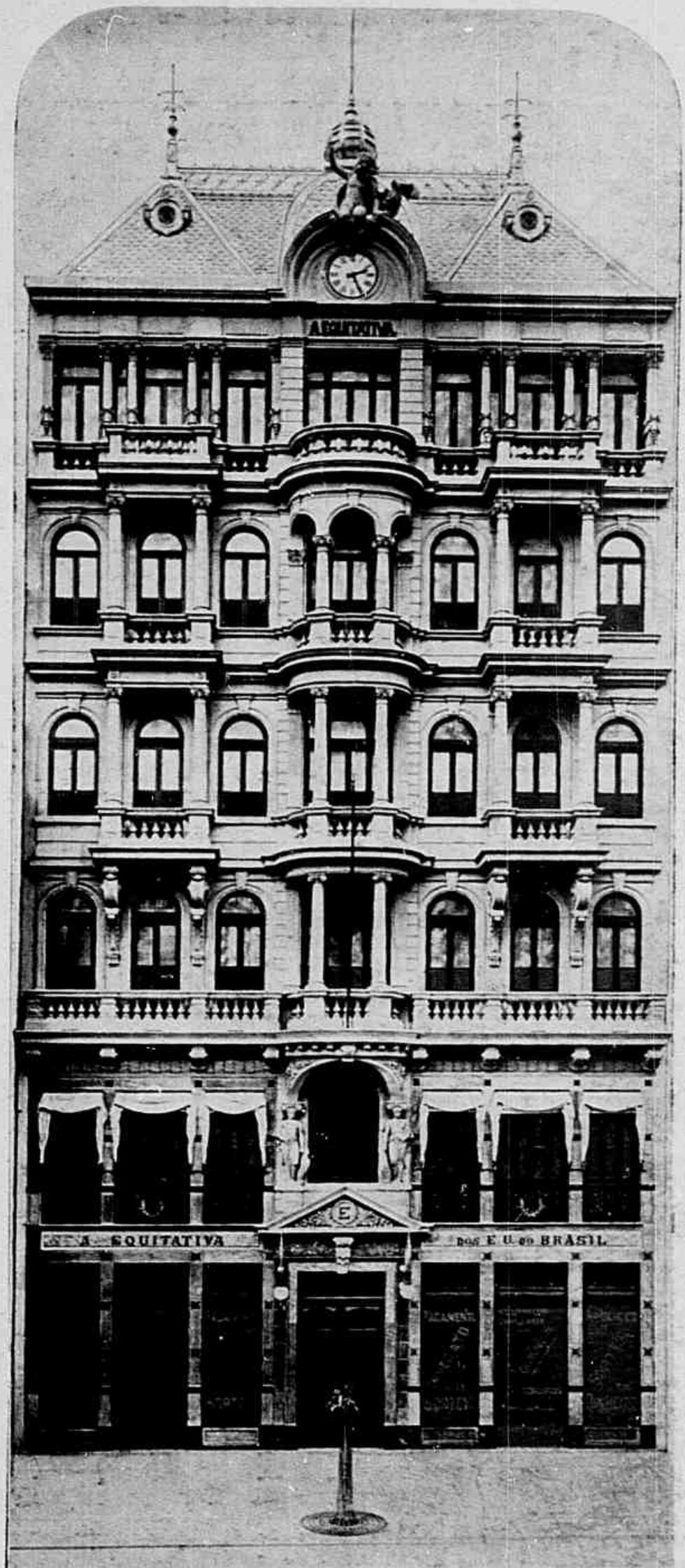
Agencia em todos os Estados  
da União e na Europa

**PEDIR PROSPECTOS**

Edificio de sua propriedade

**125, Avenida Central, 125**

RIO DE JANEIRO



# L. MUSSO & C.

PHOTOGRAPHS

10 — Rua da Urugayana — 10

RIO DE JANEIRO

Ultima Novidade Photographica  
Retratos em côres (Monocromos)  
de bellissimo effeito e inalteraveis.

## LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extracções publicas á Rua Visconde de Itaborahy 45, presididas  
pelo Sr. fiscal do governo da União e com a presença de um director da Companhia  
Caução depositada 500:000\$000 em apolices federaes

**Extracções ás 2 1/2 e aos Sabbados ás 3 horas**

O pagamento de qualquer premio será feito no acto de sua apresentação, na thesouraria  
da Companhia ou em qualquer de suas Agencias.

**SABBADO — 19 DE DEZEMBRO — SABBADO**

**Grande e extraordinaria Loteria do Natal**

173 — 2º

Por 31\$500

**500:000\$000**

Por 31\$500

CAIXA POSTAL N. 41

**88 — Rua Primeiro de Março — 88**

RIO DE JANEIRO

Agentes NAZARETH & C.

Rua Nova do Ouvidor, 14



## REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario | ASSIGNATURA ANNUAL | Redacção e Officinas  
JORGE SCHMIDT | INTERIOR. . . . 20\$000 | EXTERIOR. . . . 25\$000 | RUA DA ASSEMBLÉA, 70  
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000 | RIO DE JANEIRO

ANNO V

OUTUBRO 1908

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

### CRONICA

ESTE MEZ de Outubro do decadente mil novecentos e oito péde uma tarja negra. Seria o grifo necrológico do sentimento republicano, porque a morte de João Pinheiro foi o inesperado desmoronar das aspirações dos que ainda sonham com a regeneração de um regimen que devia ser puramente democratico.

E postoquê seja uma verdade proclamada a affirmação de que não ha homens indispensaveis, ninguem póde dizer que, num dado momento, certos desaparecimentos estejam em concordancia com essa fria mas exacta affirmativa. Assim, se não ha homens indispensaveis, ha-os que, prematuramente levados pela Morte, deixam vasios difficilmente prehenchiveis.

João Pinheiro estava neste caso. Era o homem com quem os democratras contavam.

Numa republica aristocratisada, convindo mesmo que artificial e ridiculamente aristocrata, o cargo de presidente não exige as condições especiaes que são imprescindiveis á Democracia. Basta-lhe, áquelle, o aspecto decorativo sobre uma intelligencia commum e uma cultura mental de segunda ordem.

E' facil, portanto, é facilimo mesmo, encontrarem homens a contento geral.

Mas, para servir á Democracia, para lhe dar força e engrandecel-a, é preciso uma integridade moral a toda a prova, é preciso o conhecimento profundo dos principios em que ella se estabelece e ter por elles devotamento sincero, que não resulta de circumstancias de occasião, sim dum verdadeiro amor e profunda crença.

Taes predicados eram apontados no homem que a 25 de Outubro, fechou os olhos á luz da vida com a tranquillidade de um justo.

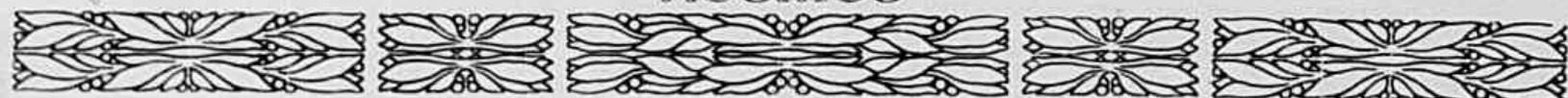
A quéda dum meteorolitho em plena Avenida Central não aturdiria tanto os cariocas como esse passamento perturbou as aspirações dos democratras.

Esse factio vem ennobrecer ainda mais a memoria do illustre brasileiro.

Quando se chega a personificar o idéal de uma causa, seja ella qual fôr, tem-se realisado uma missão na Terra; mas quando esse idéal consubstancia virtudes civicas de tal fórma raras, a missão attingiu á aureola das consagrações.

E ninguem mais do que João Pinheiro melhor a mereceu.

A sua vida, desde o ponto inicial da educação primaria com o prestigio da sympathia que a pobreza dá, foi uma marcha segura para a fé republicana.



Vemol-o, ao principio, estudando num Seminario da sua terra, por protecção de um seu irmão padre, e logo passando-se de Marianna para Ouro-Preto, onde se matriculou na Escola de Minas. Já por essa época o moço estudante não fazia mysterio de suas ideias politicas. Foram essas mesmas que se accumulavam em torno da sua pobreza oppondo-lhe obstaculos de ordem economica.

A resistencia, porem, do seu altivo character, que a adversidade fundia numa crystallisação forte, contrapunha aos obstaculos com a iniciativa e a intelligencia de empreendimentos. Assim é que elle, na velha Ouro-Preto abria um curso particular de sciencias propedeuticas para os exames publicos.

Mas, ou porque na sua clara intelligencia se projectasse a chamma alborente da reforma dos estudos juridicos, ou porque a profissão d'engenheiro não se accordasse com a sua índole, João Pinheiro após tres annos de frequencia da Escola de Minas, partiu para S. Paulo com o firme proposito de se formar em sciencias juridicas e sociaes.

O curso particular, iniciado em Ouro-Preto, foi continuado em S. Paulo. Não obstante o seu saber e probidade no ensino, os proventos que d'ali lhe advinham não eram sufficientes para a vida cara da Paulicéa, e por isso teve de conciliar os seus trabalhos de professorado com as fadigas da revisão de um jornal. Era o *fatalismo das circumstancias*, os casos accidentaes da vida que levam, incontradamente, os individuos para o seu destino. Começou então a sua phase de escriptor. E dois annos depois um magnifico artigo sobre philosophia religiosa despertava para o seu nome a attenção do lente Dr. José Maria Corrêa de Sá e Benevides, reputado profundo conhecedor de theologia. D'essa admiração veiu-lhe a amizade auxiliadora do conceituado Benevides, que o collocou num lugar vago de preparador da physica e chimica da Escola Normal de S. Paulo.

Vemol-o, depois, no seu regresso a Ouro-Preto, em 1887, advogando com notavel conhecimento profissional e impondo o seu merito á clientela mineira em concurrencia franca e leal com os mais celebres advogados da provincia. E logo ali a cuidar do seu idéal politico fundando um club e publicando o *Movimento* que se tornou, nos tempos da propaganda, a folha radicalmente republicana.

Em 15 de Novembro de 89 o Dr. Cesario Alvim, primeiro governador do novo Estado de Minas Geraes, chamava-o para seu secretario, e em 1890 João Pinheiro passava a exercer o cargo de governador effectivo.

Eleito para a Constituinte, trabalhou ao lado dos melhores republicanos para dar á sua pa-

tria uma Constituição liberrima, e recusando a reeleição voltou para Caethé onde fundára uma fabrica de productos ceramicos, aos quaes se consagrou com verdadeiro enthusiasmo, sonhando em os melhorar até fazel-os rivaes dos mais aperfeiçoados productos da Europa. E no Caethé viveu dez annos absorvido por sua industria, a ponto de parecer esquecido das luctas politicas do seu Estado e alquebrado da sua energia combativa.

Não, se lhe esmorecera o animo nem se lhe apagára o ardor republicano.

Chamado ás urnas a pleteiar a eleição de senador, triumphou dellas e veiu tomar assento na Camara Alta, para, pouco tempo depois, ser investido pela segunda vez, do cargo de governador de Minas.

Que foi essa phase da administração mineira não é preciso recordar. Minas sentiu-se revigorada. Um bafejo de mocidade, de força, de existencia nova, sacudiu e fortaleceu-lhe o organismo amornado. Foi um curto mas prodigioso governo.

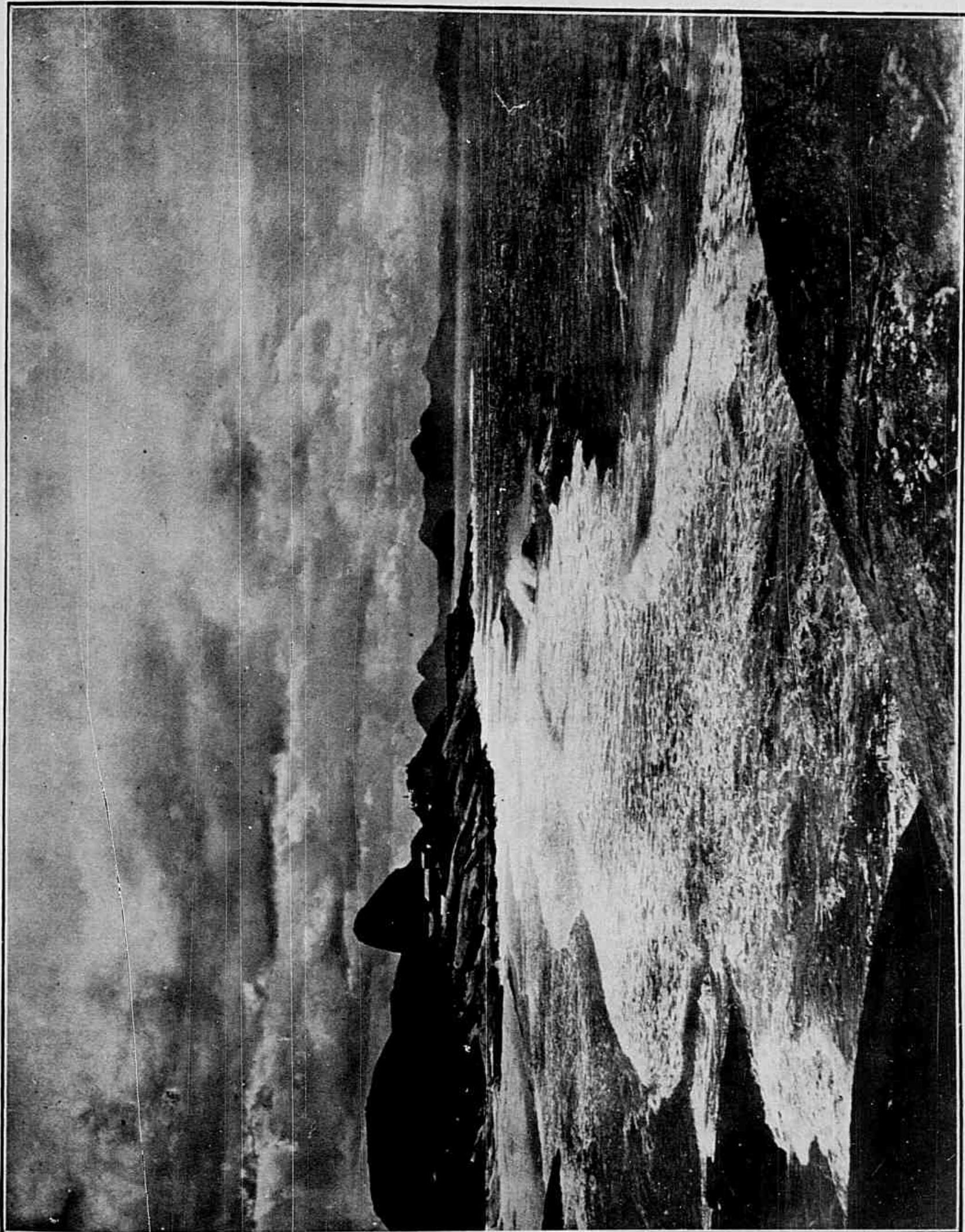
Não ha memoria de outro equal, que se exercesse dentro dos principios rigorosamente republicanos, e tão fructiferos, tão fecundos em tão breve espaço de tempo!

O homem, que até esse dia, merecêra a confiança dos seus compatricios, por ser exemplarmente honrado, por seu grave saber, por seus principios inquebrantaveis, demonstrou-se o apto, o necessario á administração geral da Republica. Ali estava o seu genuino Estadista, não ao molde classico dos Mazarinos ou dos Bismarks, mas ao feitio exigido pelo regimem.

Não o mareavam suspeitas de vinculos frouxamente desembaraçados, nem de tergiversações ou simples fraquezas condescendentes. Era um forte.

Eis o que fazia de João Pinheiro o homem da occasião, cujo desaparecimento abriu um immenso vazio nas aspirações democratas.

A penna desprezenciosa e obscura que traça estas linhas, não é guiada por um republicano, mas, sendo a Democracia culta uma das fórmulas de transição para o seu ideal politico-social, e tendo sido o illustre extincto o homem de Estado que entre os contemporaneos em evidencia, melhor incarnava os principios dessa Democracia, ella aqui deixa estas frases com a firmeza de uma convicção, que se não acovarda, e como uma homenagem sincera á memoria de quem teve a envergadura moral e a mentalidade grandemente elevada para ser, entre os que melhor têm sido, em tudo e por tudo, um Homem!



COPACABANA - MÃO TEMPO

# SENSAÇÕES

## I

**S**PENCER E COMTE; Aristoteles e tantos outros que se abalançaram no compendiar as sciencias; se tivessem, apos o criterio da complexidade e da generalidade, espreitado para fóra, á verem como o populacho saborea as relações formuladas, por certo agrupariam em dois grandes dominios todos os conhecimentos sujeitos ás peias scientificas. Sim; existem sciencias nobres, de elite, aristocraticas, assim como sciencias baratas, modestas, burguezas. A psychologia entra pobrememente no segundo grupo, é uma sciencia burgueza.

Um escriptor scintilante da França contemporanea traçou num gesto largo o levante d'uma sciencia. Nos tempos presentes diz o nosso pensador, quando uma sciencia vem ao mundo, ou se annuncia, existe sempre um certo numero de philosophos que a cercam, apresentando cada qual um methodo a seguir, com segurança do maior successo, si não discrepa as regras indicadas. Como si d'um methodo, d'um programma de descobertas dependesse o progresso de qualquer sciencia!

A psychologia sofreu esse tormento, e teve a mais, um nascedoiro malfadado: o mysterio, o além, a incognita da eternidade.

Tenhamol-a em idade adulta. Depois que a experiencia acalentou este ramo de conhecimentos, pode-se dizer, ás mais bellas culturas deram-se aos seus trabalhos. A Inglaterra fez a psychologia pela associação, a França pela dissociação e a Allemanha manteve-se no terreno puramente da experimentação.

A psychologia, porem, tocando proxima ao sentimento, devia descer das regiões bem cotadas da gente sabia, do linguajar corriqueiro da gentalha. E foi o sentimento, o coração, a alma, que rolaram a psychologia pela multidão. D'ahi p'ra cá tornou-se uma sciencia barata, pobre, burgueza.

Quando um rapaz bonito e litterato, quer dizer cousas agradaveis aos auditorios voluptuosos, como sejam, contar o bond, descrever a toilette, interpretar os sonhos, fallar das modas; faz psychologia do bond, vê a psychologia atravez a toilette e assim por diante...

Si a meridional arredonda a phrase engulindo os *rr*; amolece nos *ll* e quebra a linguagem num sentimentalismo sestroso, salta sem delongas um empinado sabedor de altas couzas e pedanteia a psychologia da meridional. Por

outro lado um Hecklitsa quer deitar sciencia; uma dama de estima quer mostrar ao bem amado ser *intellectual*; empurra o primeiro o sentimento humano nos grunhidos dos cães e diz a segunda: o homem vem do macaco, meu cachorrinho tem alma...

Presentemente, ainda nos aparece a psychologia sob uma nova applicação: o *tourismo* psychologico.

Os paizes novos e sequiosos de engrandecimento, prendem aos orçamentos das suas propagandas, gordas verbas destinadas á importação de sciencia pitoresca.

Por desgraça não nos ensinam os que vem de lá, a arte de *interpretar os sonhos* que fluctuam por cá, nem o modo de levar a cabo os fakirismos administrativos prometem os nossos. Valha-nos o creador que os *psychologadores*, de torna viagem, não buzinem nos torrões maternos, certos quadros de psychologia edificante, taes como: o *avança*, o *não póde*, o *bolina*, o *bicho* e quejandos. A psychologia bate na tecla sensivel; toca a eterna comedia e tem muita applicação ás mulheres. Nasceu sem sorte; por isso afina n'um tom menor. Esse trato porém, barateia a psychologia, mas é innocente e não a prejudica. De cousa maior foi victima a desherdada sciencia, não muito atraz dos nossos dias.

Quando a experimentação tomou corpo nos campos scientificos, se quiz fazer da sciencia, não só unico prisma por onde a verdade deveria ser vista, como o alimento exclusivo de todo o genero humano. As religiões professadas então, passaram aos quadros pathologicos e a arte deixou de ser uma das formas da verdade. D'ahi por diante tudo devia carregar o sobrenome *scientifico*: as artes, as religiões, a litteratura e até o amor... passou a ser uma alta intoxicação sanavel com um bom purgativo.

A sciencia que mais se prende á arte em geral e em particular á litteratura é a psychologia; d'outro lado embrulhavam a psychologia com a physiologia e biologia e se começou a vestir toda a litteratura de sciencia. A resultante da mania da epocha positiva foi essa litteratura desgraçosa, sem encanto e sem verdade; feita de preconcebidos; desvirtuadora da arte sã e profanadora da exactidão scientifica.

Raros foram os escriptores que apanharam a lufada da experimentação e se não deixaram levar. O psychologico, o extra natural, o biologico o descrevem sem bellezas, ao contrario, forcejar pela dureza da realidade, apanhar do quadro natural, do jacto que nos fere unicamente o que se pode catalogar nos armazens scientificos, era a unica porfia de quantos pretendiam chamar de seu lado os festejos dos presentes e a admiração dos vindoiros.



D'esta molestia resultaram todas as mizerias do — naturalismo e as indigestas construcções da poesia scientifica.

O que seria o inimitavel descriptor do instincto se espugasse a sua obra de todas os encaixes a martello da dureza scientifica?! O quanto valeria Renan, á analyse dos nossos dias, se jogasse para o lado os calculos de chegada com que procurou interpretar as phantasias biblicas?

Tornar Jesus um problema de psychologia humana era o suficiente! Veio artista e se atirou á sabio da maneira a mais infeliz possivel. Bourget, só tropeçou na verdade de sua obra quando a quiz submeter á metrica scientifica. Não se conclua d'ahi o exagero.

Eça, na sua musica eterna, do adjectivo disse de aproveitavel muitissimo á psychologia Flamberf, no traço exacto e inimitavel das suas paginas, ergueu o quanto se pode alevantar nos dominios reaes da observação corrente da vida. Maudsley com a franqueza propria da sua raça, lançou num dos seus livros, essa profunda confissão: fiz mais nas obras de Shakespeare que em muitos annos de laboratorio!

Quando num tom verdadeiro e dolorozo se quizer buscar a psychologia do crime e a evolução das esplosões epilepticas, que melhor fonte que este «Crime e castigo de Dostoie-wsky.»

As pinturas litterarias d'um Guy de Maupasant, são fontes crystalinas onde se irá buscar a trama da vida, o quanto é dado saber ao ser humano. A torrente hereditaria, o pezo do passado que nos agacha, dito em variações sublimes da arte, sem o enfado da formula scientifica e o risco de nos prendermos a leis mal seguras e proclamadas prematuramente, não pode ser melhor agarrado que nesse monumento estupendo — Les Revenants — do imortal norueguez. Ha psychologia que melhor diga das illuzões de a cada passo, que esta pagina dolorosa de Bourget-Mensonges? E este esquisito pintor da melancolia, — Machado de Assis — poderemos-ia ter legado melhor psychologia que o hymno de sua obra? A sciencia não viu de mais perto o coração, que Bourget.

Agradecemos, pois, ao mestre divinal das perfeições, esse cabedal dadivozo de eternas verdades; não troquemos porém a arte por sciencia.

O methodo em psychologia é motivo por igual de grande rebate. Um desavisado topa com um catalogo e lê: psychologia ingleza, psychologia allemã, psychologia franceza; tira logicamente a conclusão de que em cada uma destas partes se faz sciencia diversa, empregando-se methodos varios, tiram-se conclusões diferentes. Não ha tal.

O criterio da psychologia é o criterio das demais sciencias, a experiencia. O methodo logico será o compativel com o grau de complexidade desta sciencia, nunca porém, elevando o exagero da escola a aniquilar os dotes propios de observação que cada qual possui.

A introspecção sabia entra em grande somma nessa investigação; devendo porem ser cautelozo o seu uzo, como a experiencia. Nas mãos d'um fraco pouco vale a introspecção como de nada adiantaria a experiencia manejada baixamente.

E' preciso olhar o cháos psychologico, cuidadosamente. Militam a psychologia sciencia os que forcejam no laboratorio e no vasto tendal da natureza formular relações que nos permitam guiar na trama das emoções e da sciencia.

A arte, em geral, sendo uma das formas sãs da verdade, é um recurso inestimavel da psychologia. No cabedal imenso dos que sentiram verdadeiramente, devem ser buscadas sem temores as linhas exactas onde se enquadra a propria vida.

Quando, porem, pondo de lado a poesia, o lustre do sentimento que nos encanta, a forma lapidar que nos deleita, alguém procura no volver do ser humano unicamente o que poderá interessar a formulação relacional do phenomeno, será visto por dogmatico, enfadonho e não raro por empinado á couzas certas. Chamo este resguardo da despretenção, para o meu lado. Não direi couzas novas, no estudo das *sensações*, mas o que todos vemos e sentimos, e muitos, num passo mais seguro já o disseram essas mesmas em melhor diapasso. O sabio tem despeito de confessar a ignorancia da natureza interna das *sensações*, como tantas outras.

Esta sciencia, que marca o compasso dos astros, nos concavos infiinitos, desconhecer o fundo das *sensações* que explodem do nosso lado!

Não se resignam á ironia natural, os escriptores de nota.

Quando se dão ao trato das *sensações*, embrulham de modo tal, o phenomeno em si, com os aparelhos de sua propagação, que o aprendiz alcança o fim, tendo lucrado apenas vasto conhecimento do funcionamento dos orgãos por onde se espalham as *sensações* sem terem entanto clareado um espaço sobre o facto que lles quer mostrar. Talvez este pequeno valor tenham as modestas linhas que se vão seguir.

Reproduzirei a *sensação* sem o complicado aparelho por onde se perdem as suas acções.

Permita-me o leitor um avizo pedante, por findar.

Quando topar psychologia do bond, psychologia atravez a toilette, psychologia do fogo do amor, psychologia do sonho: é sonho é brin-



quedo; dirige-se o cartaz ás damas histericas, ás *diseuses* de elite e aos moços elegantes dos centros voluptuosos. Quando, porém, sob o rotulo — psychologia — encontrarem a relação do pensar ao sentir, entende-se o cazo com essa meia duzia de fortes, que envelhece antes da hora, no desbastar a fanozo da sciencia e muita vez ajoelha, sem ter dobrado uma linha da phisionomia ironica da gigantesca incognita da vida.

## II

De redução em redução chega-se das imagens e idéas as sensações. Antes porém, de as definir será conveniente separal-as e reconhecer-as no montão de factos onde se acham comprehendidas.

— Quando um instrumento perfura nossa carne, soffremos, e esta dor, tomada em si mesma e isoladamente, é uma sensação propriamente dita. Um grande numero de factos semelhantes existem, si bem que differentes com especie e gráo.

Taes são as sensações de contacto, pressão, cocegas, etc., que ordinariamente são despertadas em nós quando um corpo exterior toca de certa maneira em determinadas partes do corpo. Taes ainda, as sensações de quando um certo gráo de calor faz variar a nossa temperatura normal, as sensações da actividade muscular; as excitações pelas particulas liquidas de um objecto que saboreamos; pelas particulas volateis de um objecto que cheiramos; pelas vibrações do ar que ferem nosso aparelho acustico; as vibrações da luz que ferem nosso orgão da visão; e que ordinariamente se chamam sensações de sabôr, odôr, som e de côr.

Esses nomes porém, são ambiguos, porquanto ora indicam propriedades mal conhecidas dos corpos, ora as sensações que elles despertam em nós.

A distincção é facil de fazer, o porque a propriedade pertence ao objecto, emquanto que a sensação nos pertence.

O summo da laranja, por exemplo, tem um sabor acido; isto significa que possui uma propriedade desconhecida capaz de despertar uma sensação bem conhecida, a de sabor acido.

Deixemos de parte a situação que a experiencia nos ensina a darmos á sensação, bem como o estado dos nervos e dos centros nervosos, que por sua vibração fazem-n'a nascer.

Assim circumscripta, « a sensação é o primeiro phenomeno interior, sem intermediarios, acompanhado de imagens associadas que o localizam, excitado por certo estado de nervos e centros nervosos, estado desconhecido e que de ordinario é provocado em nós pelo choque dos objectos exteriores. »

— Desde longo tempo se tem distribuido as sensações em classes sub-classes, mais ou menos felizmente; primeiramente, segundo o genero de serviço que nos prestam, em seguida, segundo as circumstancias particulares de seu nascimento e a localidade onde as imagens associadas as situam; classificam-se ainda segundo as semelhanças grosseiras que a observação interior percebe.

Fez-se uma primeira familia com as que denotam os diversos estados do corpo, são ou doente; foram denominadas sensações da vida organica.

Ao lado desta familia constituiu-se uma segunda, que são menos estimulantes de acção que elementos de conhecimento; foram baptizadas por sensações da vida intellectual. Cada um destes generos é subdividido em especies.

Estas differenças e divisões, porém, pouco importam porquanto das sensações em si nada sabemos.

Mantemos a classificação como necessaria e commoda. Não podemos precizar seus elementos como nas especies mineraes e vegetaes; capazes de se addicionarem ou de se orientarem, uns em relação aos outros, como a grandeza, a forma, a posição e o numero. As qualidades mathematicas e geometricas que servem de fundamento ás sciencias physicas não existem aqui. As sensações são os elementos que nos servem para formarmos as imagens representações, idéas geraes, etc.; como se formam e em que consistem não o sabemos.

A despeito porém, de nossa ignorancia, quando á sua natureza intima podemos affirmar que as sensações têm elementos.

Todos sabemos que num accorde ha dous sons; que em uma côr existem algumas côres; é necessario portanto saber si a sensação de som, côr, e todas as outras que nos parecem simples, não serão compostas de sensações mais simples.

A observação primeira seja interior ou exterior, percebe apenas o composto; após essa primeira consideração o nosso trabalho é de decompor em elementos, mostrar diversas combinações de que estes elementos são capazes e de construir em seguida o composto. Desse modo procede a chimica.

A psychologia deve procurar, si, juntando tal sensação elementar com uma, duas, tres, outras sensações elementares, approximando-as em tempo, dando-lhes uma duração mais longa ou mais curta, communicando uma intensidade maior com outra menor, não se poderá construir estes blocos de sensação que chegam á consciencia bruta e que irreductiveis para ella, não differem entretanto, senão pela duração, proximidade, grandesa e numero de seus elementos.



Existe um grupo de sensações onde as reduções são completas; a sensação do ouvido. O meio empregado para a redução applica-se a todas as outras sensações. A solução parcial attingida, indica a solução geral á attingir.

Dous sons podem differir de muitas maneiras; é o que nos diz a experiencia diaria. Neste grande accumulo de differenciação, podemos distinguir duas qualidades capazes de gradações; a intensidade e a agudeza. Debaixo deste ponto de vista, os diversos sons formam uma escala; em todos os outros casos elles serão justapostos, vagamente approximados uns dos outros, porém, sem que possamos dizer em que consiste esta approximação. Por exemplo, o timbre e o ruido são cousas indefiníveis.

Os adjectivos de que nos servimos para indicar a sensação produzida em nós pela mesma nota tocada por varios instrumentos, indicam unicamente uma analogia longinqua entre nossa impressão total e a impressão d'outra natureza.

Nada nos dizem sobre as sensações elementares de que é constituída a sensação.

Os phisicos e phisiologistas, porém, em investigações continuas sobre as ondulações e os nervos, nos conduziram a resultados satisfatorios.

O que provoca a sensação do som é a vibração do nervo acustico ordinariamente excitado pelas vibrações do ar exterior. Nota-se ainda que vibrações eguaes produzem sons eguaes. E' o que nos demonstra experimentalmente a roda de Savart. Segundo que a sua velocidade é lenta ou rapida, as sensações são continuas ou descontinuas e teremos então o ruido ou o som musical.

Cercando a experiencia de extremo cuidado, podemos chegar por processos bastante diffi-

ceis, á decomposição da sensação a um gráo sufficiente.

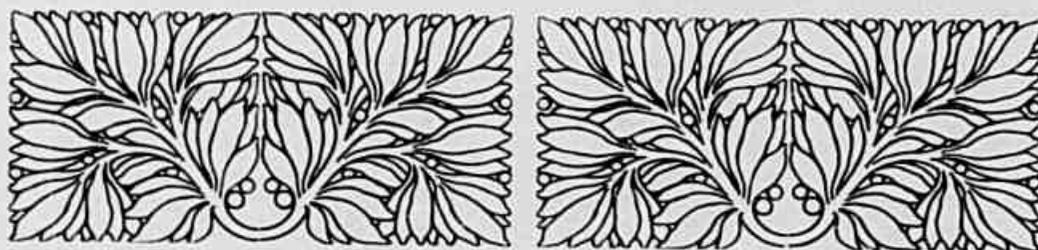
Cada sensação elementar para chegar do som minimo ao som maximo, passa na curta duração que occupa, por uma infinidade de grãos, invisiveis á consciencia; de sorte que, num som rapido, a sensação elementar indistincta comprehende, alem dos dous estados extremos indistinctos, uma infinidade de estados intermediarios indistinctos.

Isso nos deixa entrever por uma nesga o mundo obscuro e infinito que se estende sob nossas sensações distinctas. Ellas são compostas e totaes.

Para que seus elementos sejam perceptíveis á consciencia é necessario que, ajuntando-se uns aos outros, assumam uma certa grandeza e occupem uma certa duração. Si a sua reunião fica abaixo destas condições, não poderemos perceber-os.

As sensações elementares que compõem directamente nossas sensações ordinarias são em si mesmas compostas de sensações menores em intensidade e duração. Faz-se portanto em nós, um trabalho subterraneo infinito, d'onde o producto unicamente nos é conhecido e assim mesmo em grosso. Quanto aos elementos, a consciencia não os attinge, o raciocinio os conclue; estão para as sensações, como as molleculas e os atomos primitivos estão para os corpos; não temos senão uma concepção abstracta e o que nos representam é uma notação e não uma imagem.

WILLIAM SHAW.





## O RIO PARANAHYBA

**E**STE caudaloso rio, que nasce na serra da Canastra, em Minas Geraes, dirige-se para o Sul, formando com o Rio Grande, que corre em parte entre S. Paulo e Minas, o grande rio Paraná. As suas nascentes contravertem com as do S. Francisco.

Desque recebe, pela margem direita, o ribeirão Jacaré, divide Goyaz de Minas até a confluencia do Pardo.

E' um rio interessante, porque sendo bastante volumoso, não é communmente largo.

De sorte que se impunha a construcção de uma ponte que viesse dar as necessarias facilidades ás communicações entre os dous ricos Estados centraes.

Para consultar esses interesses os deputados da maioria da bancada goyana e os do triangulo mineiro, apresentaram o anno atrazado uma emenda ao orçamento da viação consignando a verba de 300 contos para a construcção de uma ponte metallica no profundo rio, que consultasse os interesses do commercio do sul de Goyaz e do triangulo mineiro. Essa emenda foi aceita e incorporada ao orçamento.

O governo comprehendendo a indeclinavel necessidade dessa ponte, abriu o necessario credito e a mandou construir.

Coube ao illustre e operoso engenheiro ci-



TRANSPORTE DE PEDRAS DA PEDREIRA DO RIO SANTA MARIA — GOYAZ

E' por isso extraordinariamente profundo.

No porto de Santa Rita, essa profundidade excede de 30 metros.

O commercio de Goyaz e do triangulo mineiro resente-se da grande difficuldade da travessia do imponente rio, porque as balsas usadas nos seus portos não offerecem garantias de segurança, mormente nas cheias.

Em muitas occasões as aguas revoltas do rio têm arrebatado balsas, canôas e igarités.

As boiadas se disimam em sua penosa travessia, na estação das chuvas.

vil, Dr. Mendes Diniz, a direcção da commissão constructora da ponte.

Organizado o respectivo projecto foi elle approvedo, tendo antes o distincto engenheiro seguido para Goyaz, onde foi estudar o problema *in situ*, escolhendo o local mais conveniente á construcção.

Depois de criteriosos estudos, foi escolhido o *Cahidor*, porto que fica cerca de 3 kilometros acima de Santa Rita do Paranahyba.

As photographias que hoje são aqui reproduzidas mostram a marcha da construcção. Uma

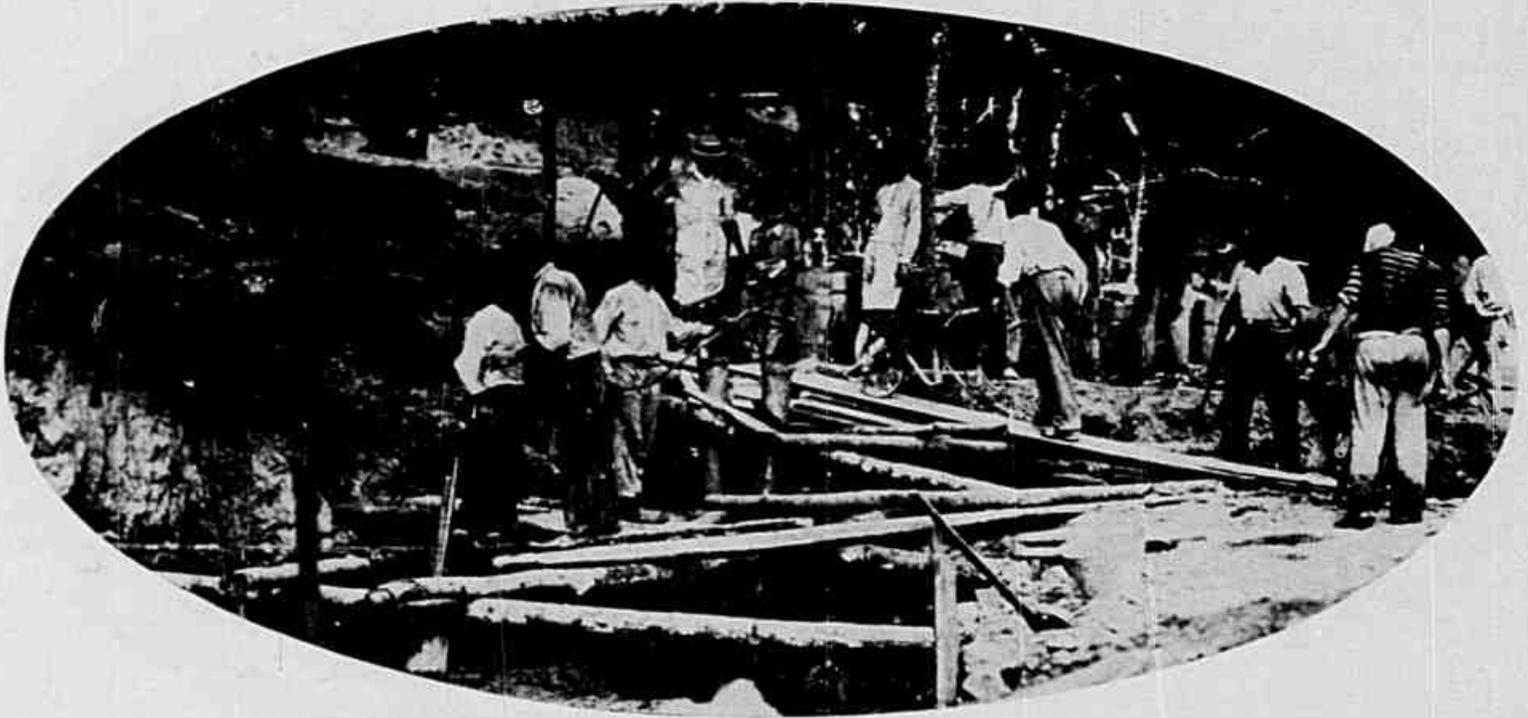


dellas apresenta o perfil longitudinal da grande ponte, que é pensil, e tem um vão central de 124 metros.

O rio Paranahyba, corre por terrenos férteis,

á gentileza do illustre chefe da commissão constructora, Dr. Mendes Diniz, precedidas de uma descripção tecnica da importante obra.

O Dr. Diniz não tem poupado esforços para



LANÇAMENTO DO CONCRETO NO PILAR DE GOYAZ

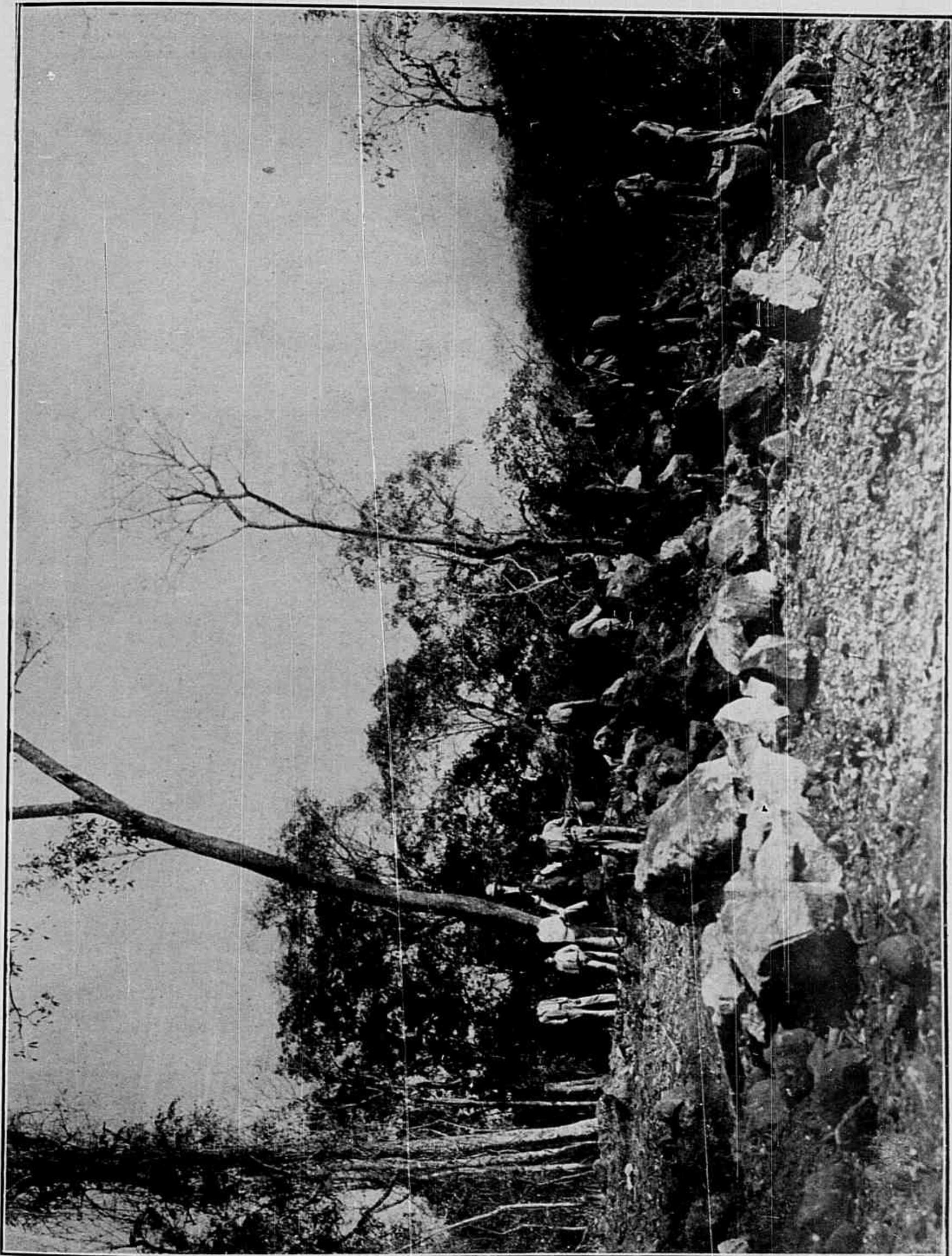
cujas mattas já vão sendo devastadas pelo machado iconoclasta dos lavradores.

Seguem-se as photographias que devemos

concluir com brevidade a recommendavel obra, confiada á sua reconhecida competencia de tecnico distincto.



TURMA OCCUPADA NA EXTRACÇÃO DE AREIA DEFRONTE AO PORTO DE SANTA RITA



PEDREIRA DO RIO SANTA MARIA A 4.800 METROS DO CAHIDOR — GOYAZ



Prometteu-nos S. S. mandar-nos novas photographias do andamento da obra até sua final conclusão.

Não ha muito tempo estampamos em nossas columnas bellissimas photographias da magestosa *Cachoeira Dourada*, que fica no Parana-hyba, interceptando a sua livre navegação superior, nas immediações do porto do *Sumidouro*.

### PONTE SOBRE O RIO PARANAHYBA

A ponte projectada e que está sendo construida é do systema Pensil.

Ella compõe-se de 3 vãos, dois lateraes de 14,<sup>m</sup>5 cada um e um central de 124 metros de eixo a eixo das torres.

A parte central fica suspensa em 14 cabos, sendo 7 por banda.

Os pilares têm em media a altura de 11<sup>m</sup> cada um, a contar da sapata ao estrado da ponte.

As torres que são em treliça de aço, têm a altura de 17.

A ponte é toda de aço em treliça, tendo a largura de 4,<sup>m</sup>80, sendo o estrado revestido das melhores madeiras da região.

As alvenarias da ponte cubão cerca de 3.000 metros cubicos. O local escolhido foi o ponto

denominado Cahidor, onde o rio apresenta um notavel apertado entre dois espigões.

Esse ponto fica a cerca de 2.000 metros do porto de Santa Rita, por onde se faz o maior transito no Rio.



TRABALHOS NO PILAR DE GOYAZ POR OCCASIÃO DE UMA PEQUENA ENCHENTE DO RIO PARANAHYBA

Num trecho de 150 kilometros estudado pela commissão, nenhum outro apresentou melhores vantagens não só pelas condições technicas como de transito.





# NA FRONTEIRA

## O SONHO DA REPUBLICA

**N**O meiado de Novembro do anno de 1889, marchavamos em direcção á então villa de Palmas, elevada mais tarde á cathedra de cidade.

A' 17 pousamos no rancho do velho Jeremias, mestiço ladino, que nos havia servido de peão.

Era pobre, apesar de possuir quatorze leguas quadradas de terras feracissimas, povoadas de mattas opulentas, com boas pastagens e regadas por arroyos de copioso cabedal.

Maninhas herdou-as e maninhas deixal-as-ia aos descendentes. Era analphabeto, indolente como todo caboclo, e resumia em muito pouco as suas necessidades.

Na manhã seguinte, 18, o Rego Barros, que cavalgava ao lado do José Jardim, ambos ajudantes da minha partida, disse em tom de gracejo: — Devemos receber noticias de grande sensação — morte do imperador, queda da monarchia ou coisa equivalente.

Terás por ventura a segredar-te nestas agruras a camena Egeria de Numa? Ou a — Corça branca — de Sertorio, respondeu sorrindo.

Ha tres noites consecutivas, que sonho com movimento de tropas na Côte e o povo alvoroçado dando vivas á republica. Os factos passam-me confusamente na memoria e debalde tentaria descrevel-os.

Sonhos de tres noites á fio não mentem, diz o povo; mas o teu se não realizará desta vez, — tão extraordinario é, disse o José Jardim.

Os raros que são confirmados não passam de meras coincidencias; — ajuntei.

Nenhum de nós acreditava nelles, e por isso pouca importancia ligamos ao do nosso companheiro.

Marchamos todo o dia por maus caminhos, traçados sem arte pelas encostas dos cerros cobertos de bosques. Nessa epocha estava ainda atrazada a construcção da estrada de rodagem do Porto da União a Palmas.

Nossos animaes ora enterravam-se em borraças, ora trepavam ladeiras empinadas, patinhando penosamente por caldeiros, cujos cocurutos ás vezes roçavam-lhes as barrigas.

Desciam ou melhor resvalavam por longos escorregadouros e salvavam a custo fundos algares rasgados pelas enxurradas na ilharga avermelhada da montanha.

Transpunham lentamente grotões e valles apertados, onde serpeiam ligeiros lageados, que vão aos despenhos lançar-se no Iguassú.

Enlameavam-nos os salpicos copiosos dos lamaças, liquefeitos pela chuva e amaçados pelo transitio das tropas de cargueiros e boiadas.

Nossas capas de borracha mal abrigavam-nos das burziguiadas tão frequentes nas terras altas do Paraná.

Ao cahir da tarde paramos em Antagorda, sitio do Paulino Nabão.

Fomos recebidos alegremente. Compravamos-lhe sempre o milho para a tropa e cavallhada e mais alguma coisa.

Era um caipira mazorral e achaparrado, trabalhador e extremamente economico. Tinha grande roça de feijão e milho, que guardava em espiga n'um paiol proximo, e criava porcos, cuja maior parte andava pelo matto quasi montados. Cevava uns dois canastrões emposilgados em chiqueiros immundos, cobertos de troncos por medo das onças.

Negociava com os passageiros n'uma vendinha com prateleiras e balcão de pinho por elle affeçoado, onde se viam muitas garrafas, a mór parte vacias, latas de sardinha de Nantes, caixas de phosphoros e alguns garrafões de cachaça. Colgados de tornos de madeira mettidos na parede de taipa, reçumavam graxa metros e metros de linguiça.

A mulher cultivava em pequeno quintal, atraz da morada, mangericão, losna, herva cidreira, arruda, cravos de defunto e alguns pés de couve.

Aboletei-me com o Major José Jardim e o tenente João do Rego Barros, n'um pequeno rancho de rachões de pinho, onde mal cabiam os nossos catres de campanha.

No sertão são curtos os serões e convidava-nos ao somno a fadiga da viagem. Durou pouco a palestra. O Jardim, em longo bocejo disse em tom de burla:

Durma socegado, Sr. João de Rego. Seu sonho não passa de phantasia e não se me dá de apostar que não se repetirá esta noite.

Em pouco resomnavamos profundamente.

Ja muito pela noite dentro, despertei ao ladrar da numerosa cainçalha do Paulino e senti perto o tropel d'um animal que se acercava e parava na porta do rancho.

Senhor coronel! — bradou meio rouca uma voz de caipira.

Que ha? Perguntei.

Uma carta muito urgente para vancê.

Saltei da cama, risquei um phosphoro, accendi o marrôxo da lanterna e abri a porta.

Dominado por sentimento indefinivel, disse commigo:

«Muito urgente... a esta hora... que será?»



Tomei soffrego da carta e approximei-a da luz. A letra era de meu sobrinho Luiz Nogueira, que ficára no Porto da União, encarregado do material da Commissão.

No alto da sobre carta escrevera á tinta vermelha: — Si o positivo chegar antes de amanhecer, terá cincoenta mil réis de gratificação.»

Não podia, á vista disto, deixar de ser muito importante o assumpto.

Abri a carta, e depois de ter percorrido avidamente e attonito as primeiras linhas, li em voz alta aos dois amigos que anceiavam de curiosidade: — Acaba de chegar pela estrada de Guarapuava um proprio com o seguinte telegramma do Sr. Quintino Bocayuva ao major Belarmino de Mendonça: — Revolução no Rio — Republica proclamada — Deodoro Chefe Governo — Ladario morto, etc.»

Perguntava-me no fim o rapaz: — Que fazer

Arranquei d'uma pagina em branco e escrevi á lapis:

Derrame uma lagrima pelo amigo mallogado e dê um viva á Republica!

Luiz era afilhado do barão de Ladario, muito amigo de seu pai.

O proprio voltou sobre o rasto.

Passado o momento de estupôr, congratulamos-nos com o Rego Barros pela realisação do seu sonho, aspiração de quasi todos os camaradas do exercito.

E' impossivel descrever o que se passou depois, nessa noite memoravel. Foi-se o somno. A noticia alastrou-se pelo acampamento como um rastilho de polvora, produzindo de instante á instante explosões de entusiasmo.

Estrugiam os ares — vivas á Republica — que iam reboando pelas quebradas alem, rompendo o silencio augusto do sertão.

E' que a maior parte dos officiaes alimentavam, como as vestaes antigas, o fogo sagrado da ideia accêso desde 1870 na Escola Militar pelo Instructor de infantaria — o bravo capitão José Napoles Telles de Menezes e ateado nos mysterios da H\* D\* S\* e no sigillo do G\* do P\*.

Seguimos a marchas forçadas para Palmas, mais proxima estação telegraphica.

A lentidão da viagem, por força dos pessi-mos caminhos, tornava cada hora mais intensa a nossa anciedade por noticias.

Quando galgavamos o viso dos cerros e o olhar se dilatava sobre o cimo ondeante da floresta immensa semelhante a mar encapellado pelos vagalhões das serranias, esbatendo-se no azul violaceo do longissimo horisonte; a alma expandia-se na liberdade da amplidão; e vivas á Republica irrompiam entusiasticos e todos respondiam — soldados e peões

Era uma alegria franca e ruidosa; — parecia não ter limites.

Ao terceiro dia, depois da noite de Antagorda, sahimos da matta cheia naquella epocha de atascadeiros e carcomida de barrocaes e caldeirões interminaveis, e hoje atravessada pela boa estrada de rodagem construida pelos nossos engenheiros militares e por onde disem que transitam diligencias automoveis.

Entrámos nos campos de Palmas, extensas e formosas pradarias ondeadas. Matisavam-nos naquelle meio de primavera, boninas e malmequeres de côres variegadas. Nas baixadas dos lageados e, a beira dos banhados, alvos lyrios floresciaam ao lado das flôres róxas dos aguapés, e os quero-queros dando gritos esvoaçavam assustados em torno dos ninhos, quando passava a nossa cavalgada. Bellos campos aquelles, que se estendem por leguas e leguas e vão morrer para as bandas do oeste, nas faldas da serra da Fatura.

Passámos á vau o caudaloso Chopim. Ali e acolá capões de pinheiros e matto baixo. Mais adiante, no alto de uma cochilha a velha casa, sem rebôco, da estancia de São Christovão, onde a ventania zune e brame nas tristes noites do inverno, e o thermometro centigrado desce, não raro, a dez graus abaixo de zero. Passa pelo lugar mais frio d'aquellas paragens. Não eram muitos os rebanhos que pasciam nos seus campos.

A' tardinha parámos na estancia do Vicente Camargo, o Vicentinho, ancião paulista, que para lá se mudára com a familia numerosa.

Cuidava muito bem o gado, e cultivava, com arte e esmêro, vasto pomar de fructeiras da Europa, cercado por extensa albarrada. Nesses campos de terreno pedregoso e madeira escassa vêem-se grandes muros de pedra sêcca alinhados e rompendo a monotonia do verde das pastagens. São preferiveis aos tapigos e sebes de páu a pique usados em outros lugares.

A vasta morada era de *material*, como lá se diz. As paredes de pedra ensôssa e muito espessas, as janellas sem vidraças, as portas grossas e fortes e o tecto de taboinhas de pinho; tudo bem acabado.

O gasalhado não podia ser mais carinhoso. O velho paulista deu-nos o que tinha de melhor; mas o seu agrado e requintada cortezia valiam mais do que as iguarias da farta meza. Elle proprio arriou da padieira duma porta que dava para o pomar, um cortiço de abelhas indigenas e distribuiu-nos saborosos favos. Singelo e serio, o bom Vicentinho sabia conquistar e captivar os seus hospedes.

Na manhã seguinte antes da partida, dois dos seus filhos ordenharam algumas vaccas anafadas, de pello setinoso, e serviram-nos em *guampas* pulidas leite excellente que esguichava espumando dos ubres amojados.

Nessa occasião o Rego Barros annunciou-nos outro sonho: a morte da sobrinha Julieta.

Apesar do seu espirito libertado da superstição, notavam-se na sua voz laivos de pesar. Tranquillisa-te, amigo, disse o Jardim; por ter salido certo o sonho da republica, não debes crer que este outro seja verdadeiro.

Está doente a menina? Perguntei.

Não sei — sonhei-a morta.

A' tarde iamós subindo a collina onde está edificada a casa da estancia do Coronel Vivida, então presidente da Camara Municipal de Palmas; quando vimos approximar-se de nós ao trote largo d'uma mula ruana um caipira de chapéu de feltro negro e ponche-pala amarello de listras escuras. Era o estafêta da estação telegraphica da villa, muito nosso conhecido. Acorreu-se do Rego Barros e entregou-lhe um telegramma.

O companheiro leu-o agitado e passou-m'o, exclamando: — Veja.

Estava escripto: — « Acaba fallecer sobrinha Julieta. »

Ficamos attonitos. Repetia-se a extraordinaria coincidência dentro de poucos dias.

Offerecemos-lhe as nossas sentidas condolencias.

O facto não deixou de impressionar a todos.

E esta! Esclamou um; dir-se-ia magico o Rego Barros. E' pena não termos aqui á mão Artemidoro Daldiano para destrinçar e explicar factos tão curiosos.

Teus sonhos, acudiu o Jardim, que se aprasia em respigar nos campos philosophicos, sendo a expressão de acontecimentos reaes, são verdadeiros *oneiros*.

Por mais desprendidos que sejamos do sobrenatural pela natureza dos nossos estudos positivos, atallhou outro, o espirito vóa sempre-mau grado ás suas convicções, á emmaranhar-se na theoria religiosa do sonho, cedendo não só á influencia da hereditariedade, como tambem da educação biblica das mãis da nossa raça.

Eu prefiro, disse outro, a explicação scientifica de Descartes, porque a ideia é uma secreção do cerebro, que trabalha sem cessar, quer acordado ou dormindo.

Pois eu não acceito nenhuma dessas doutrinas metaphysicas, chame-se seu autor Descartes, Leibnitz ou Kant; e muito menos a geometrica de Schopenhauer, o pessimista.

Nenhuma dellas tem o verdadeiro cunho scientifico, concluiu um positivista.

Iamos chegando ao terreiro da vivenda.

O Vivida levantou-se do paiol ao lado esquerdo da entrada e com ar prasenteiro convidou-nos, na sympathica toada daquellas bandas: Cheguem-se, amigos, apeiem-se.

Era um bom typo de camponez: alto, forte, tostado pelo sol, grisalho e jovial.

Um visinho da villa, um *exaltadão*, proclamára a republica e depusera-o, tomando conta da municipalidade.

O Vivida, conforme nos confessou, via-se no ar, embaraçado sem saber o que fazer.

Estimou muito hospedar-nos, porque lhe dariamos conselhos e esclareceriamos algumas duvidas, que lhe trabalhavam o cerebro de *politicação*.

Mandou logo vir matte; e patorneámos alegremente em torno d'uma grande meza rustica de imbuia.

Não tardou muito em interpelar-me:

Esta historia de republica, Coronel, será para bem ou para mal?

Hade ser para bem certamente, respondi-lhe.

Sempre ouvi diser que republicano era o mesmo que desordeiro. Haja vista esse sujeito que me depoz.

Não creia nisto, Sr. Vivida, são coisas inventadas pelos monarchistas.

Mas então faça-me o favor de explicar o que é republica.

E' o governo do povo pelo povo.

Estamos bem aviado com isso. O que será a nossa villa governada por essa caipirada que nem ler sabe e vive brigando uns com os outros.

Não é isso — o povo elegerá aquelles que o devem governar. Na monarchia era differente. O chefe da nação pertencia á uma familia privilegiada. Morrendo, succedia-lhe o descendente, bom ou mau, intelligente ou não, digno ou incapaz.

Assim, com effeito, parece melhor; mas eu tenho muito medo da escolha e da eleição.

Não tenha, não, Sr. Vivida; somente subirão ao poder os que tiverem capacidade, patriotismo comprovado e grandes serviços á patria.

E' o que os senhores pensam; mas será assim?

O senhor verá — a republica escolherá sempre o mais digno — é o seu interesse; e interesse de todos.

Qual! Os homens não mudam assim do pé p'ra a mão e as posições não passarão daquelles que forem designados pelos chefes politicos.

Sr. Vivida, disse o Jardim, vai começar para o Brazil uma nova éra — a éra da verdade, da honra e da justiça. A Republica não admite dous pesos nem duas medidas. Os homens serão julgados pelo que valerem realmente.

Não creia, Major; a politica ha de ser sempre na maçonaria — muitos entram, mas os que mais sobem são os mais espertos.

E como ha de se fazer a eleição? Será como até hoje ou mudará?



O Vivida era chefe politico e lhe interessava muito saber á respeito.

Na republica, a eleição será a expressão pura da vontade do povo, que é o soberano; será um acto revestido da maior solemnidade. Todos concorrerão ás urnas, porque ninguem quererá abdicar do seu grande poder.

Pelo que vejo, os senhores pensam que se acabou por uma vez o *bico de penna*.

Certamente; — serão punidos severamente os que delinquirem, falsificando.

Deus queira que assim seja; mas eu tenho muito medo. — A gente está muito viciada.

Virá outra, purificada na lucta contra as velhas instituições; respondeu um jovem official, ardente entusiasta da revolução.

O que eu acho, meus senhores, é que o homem de bem continuará a ser homem de bem e o velhaco não passará á honrado com esta sua republica, disse o estancieiro, ainda aferrado ás *velhas ideias*.

De vez em quando fazia-nos alguma objecção ditada pelo seu bom senso e concluiu com esta, que não teve resposta:

Tudo isso que os senhores dizem póde ser muito bem; mas ha uma coisa com que me não conformo.

Qual é?

Ficar a gente pertencendo aos Estados Unidos.

Que ideia!...

Andam ahi dizendo que o Brazil vai ser republica dos Estados Unidos...

Rimos-nos da simplicidade do homem e suspendeu-se a sessão politica

Era curta a distancia a Palmas e vencemol-a em pouco tempo.

No telegrapho, o Wadekeri que lia de cór, sem olhar para a fita, deu-nos noticias circumstanciadas do grande acontecimento.

Todos nós passamos telegrammas ás nossas familias e aos proceres e personagens culminantes da actualidade.

Deodoro, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant, Glycerio, Ruy Barbosa e outros homens illustres tiveram nesse dia oportunidade de conhecer o ardor de alguns republicanos historicos.

Mais tarde, quanto a serenidade voltou á politica, um substituiu sempre a *republica* pela *patria*, e nas suas profissões de fé, affirmava serem boas todas as fórmulas de governo. Ainda suppunha possivel a realisação das profecias da Bandarra

Esperava-nos na villa o commissario argentino Don Valentin Virasoro, que foi mais tarde governador de Corrientes, sua provincia natal,

Ministro de Estado das Relações Exteriores, Senador da republica e um dos cidadãos mais conspicuos e respeitaveis do seu paiz.

Sua turma ia trabalhar concurrentemente com a minha e seguira, dois dias antes para os campos do Coronel Juca de Almeida, nas cabeceiras do Chapecó.

Foi curta nossa demora em Palmas — dois dias apenas.

Chegavam-nos do Rio noticias auspiciosas e animadoras.

O Brazil inteiro adheria com applausos ao novo regimen e, recebia satisfeito e confiante os actos patrioticos do Governo Provisorio, que ia realisando, com seus decretos magistraes, as aspirações nacionaes, o que difficilmente um congresso por mais esclarecido que fosse, poderia fazer. Bellos tempos, dos primeiros passos da Republica, em que se revellaram o mais acendrado amor á liberdade e a sciencia do direito no mais alto grau.

Fomos recebidos em festas pelos collegas argentinos.

Seu acampamento era na ouréla d'um bosque.

Na frente, no tope d'um mastro muito alto tremulava, fluctuando ao vento das campinas, como symbolo da paz, uma bandeira branca com gorro phrygio pintado pelo Capitão Montez, onde se lia:

«Viva la Republica del Brasil.»

Chegamos á tardinha.

Assentamos-nos ao redor de extensa meza, onde nos foi servido um banquete de finas iguarias e vinhos excellentes.

Ao champagne levantou-se meu illustre e presadissimo collega senhor Valentin Virasoro e em phrases repassadas de affecto e bellas de eloquencia brindou:

«por la Republica del Brasil.»

Eu era o chefe brasileiro; tocava-me responder.

Bebi pela prosperidade da Republica Argentina. Fil-o sinceramente, porque desejo ver grandes e felizes os paizes deste continente.

Depois do banquete fumavamos, palestrando em grupos.

O chefe argentino, immerso em scismadora quietude parecia meditar profundamente.

Eu, pensando na republica nascente, mergulhava o olhar vago nas alvuras do Carreiro de Santiago, rio de mundos correndo a ignoto destino.

O Sr. Virasoro mirou-me com um olhar intelligente e bom e exclamou em voz pausada e grave:

«Pero, amigo, que grande republica!»

Assim será, respondi, si lhe tivermos muito amor.

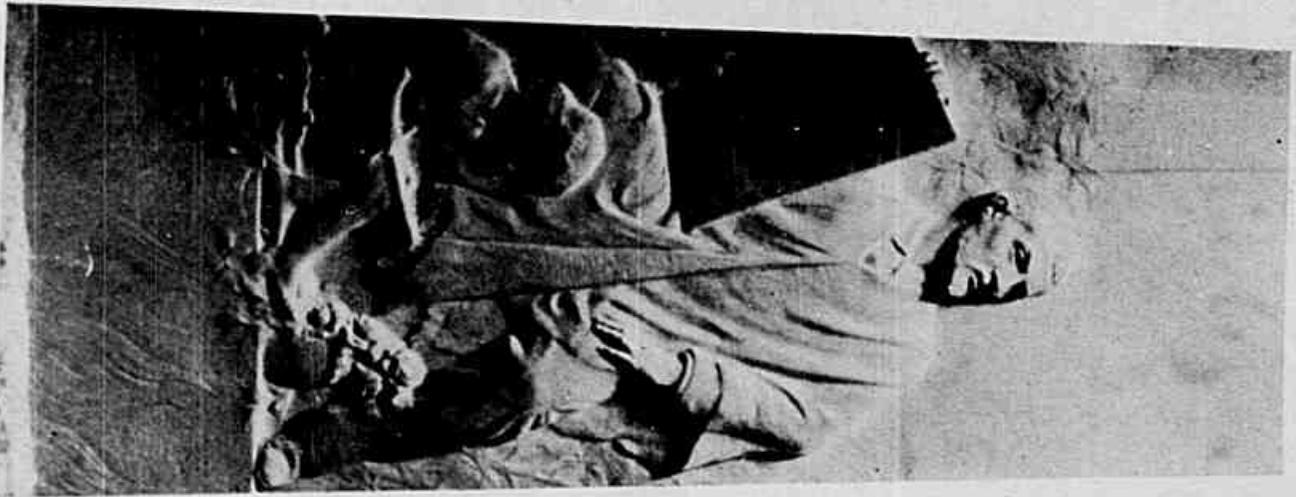
DIONISIO CERQUEIRA.

# MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO



GRUPO DA BASE - CARAMURÚ - POEMA DE SANTA RITA DURÃO

# BAIXOS RELEVOS DO MONUMENTO AO MARECHAL FLORIANO



JULIO DE CASTILHOS



GENERAL FONSECA RAMOS



GENERAL GOMES CARNEIRO



ALMIRANTE JERONYMO GONÇALVES

## NUMA VOLTA DO PASSADO

**T**ALVEZ ainda assista em seu decahido sitio perto de Silveiras, o capitão Antonio Pinto da Silveira, que se sobrenomeia como aquella villa paulista fundada pelos seus maiores. Vi-o e converse-o em 1903, num dos lances desta minha engenharia andeira que acertara de varar naquelles lugares.

Cheguei á estancia solitaria ao calir da noite, exausto de fadiga, ao cabo de dez horas a fio de marcha, aos boléos pelos borocotós de um desvairado atalho do mais antigo e esquecido caminho de rodagem do Brazil. E, certo, a não faltar ainda longo estirão de tres leguas para ir-se até Areias, ou a não serem de todo impraticaveis á noite aquellas veredas que os tabocaes cegavam, invadindo-as, — eu teria proseguido supplantando o cansaço, fugindo á espora fita do mal assombrado pouso que se me offerecera. Na verdade, era preferivel qualquer rancho aberto de tropeiros, varado das chuvas e dos ventos, áquella tapera desgostante. Como tantas outras, que se topam de longe em longe ao longo das trilhas multivias daquelle tracto de S. Paulo, ella me apparecia como um espantallo de grandeza decahida: desgracioso casarão antigo, de paredes esborcinadas e pensas, sob telhado levadio de beiraes sahidos, bojando no recosto de um morro no breve claro de um carrascal bravio. A' frente da porta principal, sobre um monte de seixos, um cruzeiro alto, sacudindo aos ventos o estropalho de um sudario em tiras. A uma banda, á esquerda, uma tiguera pobre de mandiocal rachitico, onde fôra vasto pomar aprazivel. A outra, advinhavam-se os restos de um jardim invadido das samambaias. Ao fundo, desmoronando, um terreiro de pedra, feito enorme muralda de lageas disjunctas. Mais longe, por todos os lados, cobrindo a morrarria até ao pino, os galhos calhoticos e sem folhas de um vasto cafesal secco, de cem annos. Nada mais. Pelo menos nada mais vi relanceando o scenario que o crepusculo entristecedoramente empastara...

Transpuz estreito pontilhão sem guardas sobre um corrego entupido de tabúas, ao compasso martellante de um monjolo, que se não via, muito embaixo no grotão mascarado de inhames bravos e sororocas.

Desapiei no terreiro deserto. O camarada bradou o «ó de casa!» tradicional, batendo as palmas; e logo desmontando, amarrou a um moirão de cabiuna as nossas cavalgadas abombadas.

A acolhida, como sempre acontece entre os nossos patricios sertanejos, foi carinhosa e simples.

Mas ao penetrar o repartimento principal da vivenda mal attentei no hospedeiro que me acolhera, rodeado de tres ou quattros netos ou bisnetos.

Estropiara-me demasiado a sobrecarga muscular da travessia exhaustiva, sob o rescaldo das soalheiras. Renui, por isto, a tudo, a começar pelo offerecimento de um jantar «que se arranjará num instantinho»; e atalhando logo as costumeiras desculpas antecipadas, que aquellas gentes boas com tantos requintes de gentileza sempre apresentam ao forasteiro que agazalham, expuz para logo um empenho unico, improrogavel, urgentissimo: dormir. Mas que se não encommodassem: eu me recostaria por alli em qualquer banco com o travesseiro de lombilho retovado, e dormiria de botas e esporas — montado heroicamente nas fadigas — para acordar cedo e proseguir, reaviando-me á rota escoteira e rapida para frente. E assim dei as boas noites ao nonagenario tranquillo que me contemplava, complacientemente, sorrindo.

Felizmente elle se não picara de tamanha incivildade. Arcado, como se o dobrasse o peso da candeia de azeite suspensa a uma das mãos, foi até á porta; considerou um momento o céu já todo estrellado; e trancou-a. Voltou-se; retribuiu-me a saudação; e foi dirigindo-se para o interior da casa.

A meio caminho, porém, estacou; e como em irreprimivel desabafo ouvi-lhe, que resmo-neava:

— Moços de hoje... já nascem velhos...

Depois, em tom mais alto, levemente ironico:

— Olhe, meu senhor, aqui onde me vê já vi muito graúdo, que anda hoje na memoria do mundo. Sou mais velho do que a Independencia... e digo lhe que ficaria passado se depois de torar por essas bibocas brabas ficasse tão mofino e sem talento...

Disse; e as fadigas, o somno pesadissimo que me chumbava os olhos, as irritações da viagem, foram-se-me, por verdadeiro encanto. Vi-me, de golpe, de pé, ao lado do velho surprehendido e desorientado por não sei quantas perguntas anciosissimas que me accorriam desconexas e varias; e minutos depois achei-me, de improviso, alli, naquella beira de caminho desfrequentado, á margem da nossa historia. E lá me fui numa viagem maior e mais indefinida, pelos tempos em fôra, sem notar a tardeza das horas a escoarem-se vagarosamente, ao compasso das pancadas tristonhas do monjolo batendo, fôra, ao longe, á surdina, na noite...



Fôra uma invocação. Na estrada que passava cerca — naquellas mesmas trilhas quasi impraticaveis, balisadas de *santas cruces* agoireiras e onde dispararam em pinchos desabalados as mulas-sem-cabeça da bronca mythologia sertaneja — começaram a derivar então, indistinctos nos seus traços dubios, a diluïrem-se em formas vagas, a apparecerem para logo depois ralearem diluindo-se em neblinas, e a reaparecerem e a decomporem-se, entrelaçando-se, confundindo-se ou desatando-se em longas filas silenciosas, os vultos singularissimos de uma cavalgata de ridivivos. Imagens esfumando-se vagamente no escuro a recordarem as figuras destingidas de antiquissimos quadros descoloridos, — sem contornos, sem gradações, sem relevos, imperfeitamente esbatidos na memoria desbotada do narrador, ou embruscando-se no esquecimento completo, mal pude restaural-as a todo poder da phantasia, attonito e commovido deante de antiga e maravilhosa realidade...

\* \* \*

Disfilaram-me fugitivas e breves.

Foi numa noite qualquer de meïados de Setembro de 1822. O meu interlocutor era «dest'amaninho» — esclareceu-me espalmando a mão á pequena altura do assoalho — quando o sobresalteou e a toda familia havia muito recolhida, o inopinado estrupido de uma cavallaria estranha a tropear pelos caminhos e avançando num crescendo vertiginoso: á principio surdo rumor distante; logo depois o estrepito accentuado de centenaes de cascos sobre pedras; por fim, o estrondo de um trovão repentino denunciando que o esquadrão phantastico rolava ruidosamente sobre o taboleiro reboante da ponte. Sobreveio o silencio; uma parada; um esbarro violentissimo de dezenas de ginetes desensofrios. A patrulha misteriosa estacara, de golpe, no terreiro.

Calcule-se o assombro da obscura familia sertaneja.

Mas o seu chefe, paulista de peito largo e coração firme, mediu-se galhardamente pela conjunctura: pulou do leito; correu ás armas; furtou-se de arremesso aos braços da esposa e dos filhos pequeninos, que o enleavam retransidos de espanto; aperrou o bacamarte, e arremetteu, resolutamente, com a porta da entrada mal garantida por uma tranca insegura. Predispuzera-se num relance para o que desse e viesse.

Fôra, no relativo silencio que se formara, ouviam-se estalidos de loros e cabeçadas entrebatidos, resfolegos e manotaços de cavalloos irrequietos, palavras precipites, breves, entrecruzan-

do-se, e risos — inexplicaveis risos em tão temerosa conjunctura! Por fim tres aldravadas intimativas e rijas.

E o sitiante destemeroso não titubeou: depoz o candieiro em terra; fez o «pelo signal»; correu as vistas pela fecharia prateada do trabuco; abeirou-se da porta; destrancou-a. Escancarou-a toda, temerariamente... e quedou estuporado, com a arma inutil quasi a escapar-se-lhe dos dedos tremulos, tollido de surpresa indescriptivel: estavam-lhe adeante vinte, ou cem, talvez mil cavalleiros garbosos e magnificos. Não havia cental-os. A luz escassa dos quatro bicos da candeia morrendo num raio de dez passos, parecia extinguir-se mais depressa, subdividida num espadanar de lampejos doirados, joeirando-se num circulo coruscante de jaezes de prata e nos alamaes de um sem numero de fardas refulgentes. Ao fundo, aos lados, por toda a cercadura do terreiro, até á ponte, e pela ponte em fora, desbordando della para a estrada, e estirando-se talvez pela estrada, enchendo-a, n'ua massa compacta e informe, onde se riscavam a subitas repentinos brilhos de dragonas e talins metallicos — advinhava-se uma legião ao parecer innumeravel toda afogada na treva.

A' frente, num redomão lavado de suor e freios brancos de espuma, destacava-se envolta nas dobras de amplo poncho de viagem uma figura varonil, de moço. Inclina-se-lhe á nuca o sombreiro de molles abas derrubadas, deixando-lhe completamente escampa a fronte bombeada e larga irradiando no fulgor dos olhos dominadores, muito negros e vivos. As largas botas russillonas collavam-se-lhe firmes ás espendas do sellim, denunciando nos respingos de lama que as salpintavam desde o alto do cano ás rosetas das esporas, o dilatado da viagem. A' mão esquerda, preso de uma corrente de prata, um rebenque de couro cru.

Nada mais notou, ou departiu, a creança amedrontada, naquella figura extranha, cuja lembrança a acompanharia pela existencia em fóra. Ficou-lhe apenas aquelle vulto de estatua mutilada, meio delida, entre o sonho e a realidade, na noite.

Tambem não reteve uma só palavra do rapido dialogo para logo entretido entre o extranho recémvindo á testa de tão formidavel escolta e o seu progenitor surprezo.

Apenas considerou que, ao se trocarem as primeiras palavras, este ultimo — que elle até então vira sempre altivo e quasi um rei naquella redondeza, imperando sobre a escravatura numerosa e os aggregados submissos — que o seu pai tão altaneiro e bravo se desbarretou numa attitude a bem dizer humilde, que nunca lhe notara, e se acercou timidamente do garboso adventicio fazendo menção de beijar-



lle a dextra, o que este impediu, furtando-lh'a; ao mesmo passo que inclinando-se agilmente nos arções colheu o sertanejo nos braços vigoros, so-erguendo-o por momentos num grande abraço gentilissimo e amigo.

A scena foi instantanea. Logo depois com um gesto rapido, de despedida, o cavalleiro deu de rédeas, voltando-se, com uma palavra breve, de mando, para o sequito numeroso, que se abriu logo em extensa ala respeitosa; e correu as chilenas no bojo do cavallo, transpondo em dous galões impetuosos a ponte, encalçado de prompto pelos conducticios.

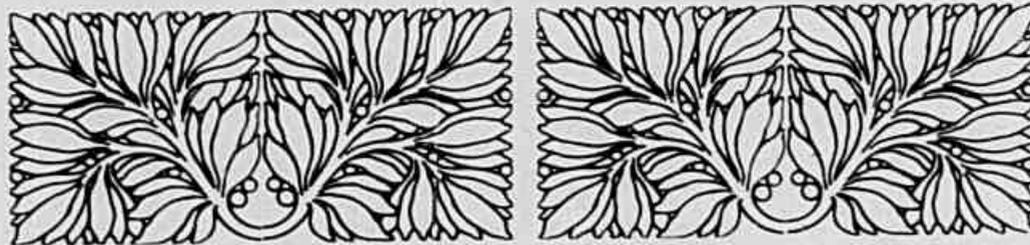
Depois: uma immensa confusão de corpos obscurecidos sarjados dos reflexos vivos das espadas; o trovejar estrepitante de centenares de cascos entaloados rufando no taboleiro resoante da ponte transposta num disparo; e o estrupido do esquadrão phantastico esfarelado os calhaos

esparsos dos caminlios — cada vez menor, amortecendo, lento e lento em resoar a mais e mais imperceptivel e surdo, até desaparecer de todo ao longe, perdendo-se entre os rumores indefinidos da noite — desaparecendo ao longe, para sempre, o imperador Pedro 1.º e a sua comitiva romantica, na volta gloriosa do Yprianga..

\* \* \*

Fóra as pancadas monotonas do monjolo soavam entristecedoramente; e figuraram-se-me as de um pendulo invertido, que marcasse um recuo mysterioso do tempo, batendo todos os segundos atrazados de um seculo desaparecido.

EUCLYDES DA CUNHA.



# HONORIO MELLO

(PREMIO D'ESCUPTURA)

A HI temos mais um artista d'amanhã. Honorio Mello obteve o premio de estudos na Europa com o seu ultimo trabalho, especialmente feito para esse fim, cahindo-lhe por assumpto a figura rebelde e brava de *Spartacus*.

Não é possível fazer critica severa desse trabalho, porque o alumno laureado não se apresenta como um artista completo; todos os seus esforços tenderam a uma prova de competencia para esse ultimo curso em que as suas qualidades se vão apurar com a observação dos grandes mestres que não encontraria aqui, o convívio e estímulo dos que se preparam para a conquista do renome, e os ensinamentos dos professores.

O mais que se pôde dizer do seu trabalho é que elle bem mereceu a recompensa obtida. Isso já é muito, porque confirma as aptidões artisticas do seu auctor, demonstra o adiantamento dos seus estudos e deixa-nos a esperança de mais um nome querido na nossa arte de esculpir, que não é das mais ricas.

E *Spartacus*, apesar de não ser obra de quem esteja perfeitamente senhor dos *esboçadores*, impressiona d'algum modo a quem o

observa, especialmente pela expressão physionomica, em que ha vigor e afouteza.

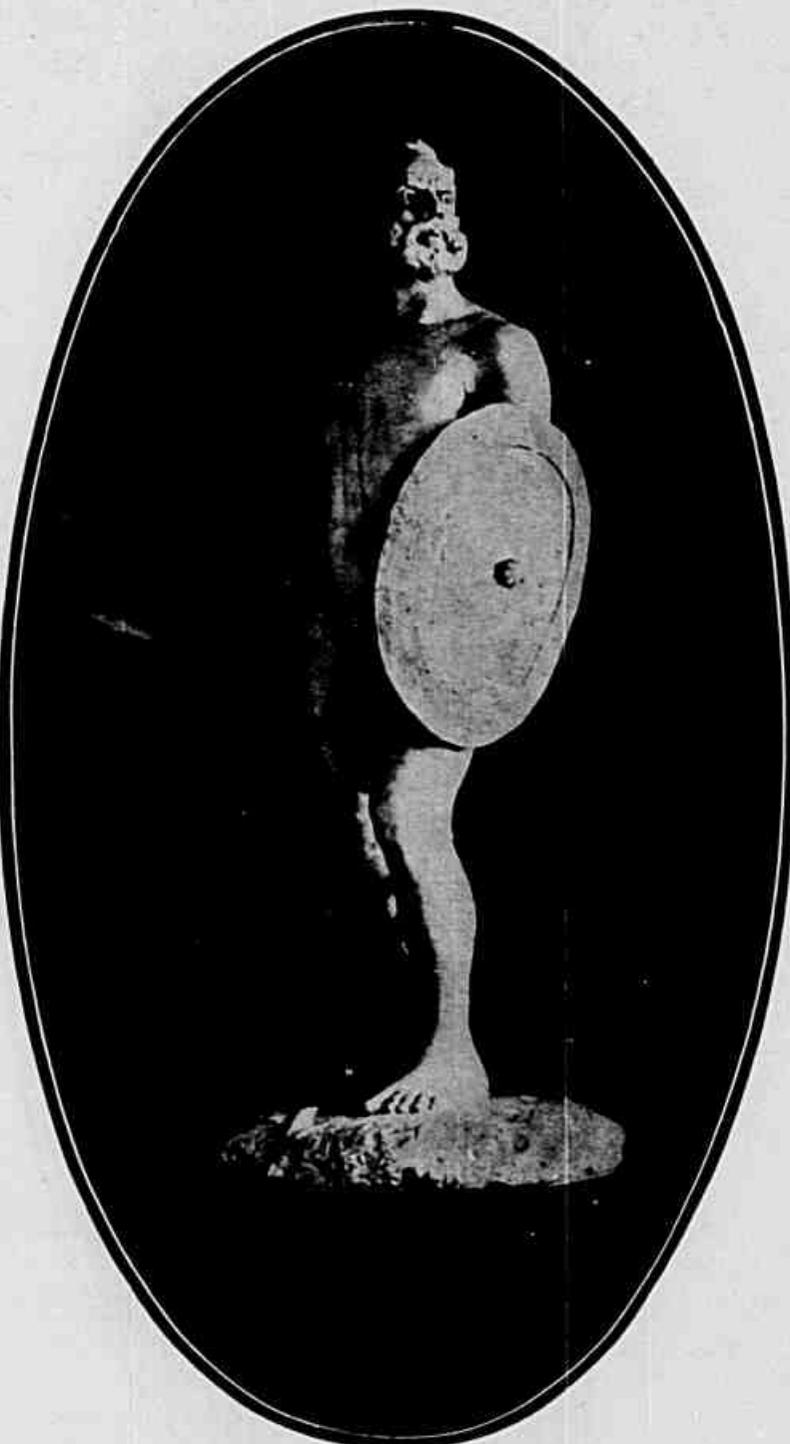
Antes dessa obra definitiva já o Sr. Honorio Mello nos habituára á sympathisar com o seu talento de joven artista, porque a *Juventude*, exposta em 1907, e mais outros trabalhos seus, inculcavam uma habilidade sempre crescente no manejo do material d'esculptura e um firme, decidido interesse no acabamento dos assumptos postos no barro dos tamborêtes. Via-se nisso quanto o commovia a especialidade ar-

tistica que escolhera, e quando um alumno consegue prender a atenção de quem olha, por acaso ou de passagem, seus trabalhos; quando faz sentir nos seus *gessos* o quer que seja da suas emotividade, é porque ali está um artista a se formar, uma organização fóra do commum, que se ha de impôr um dia, que terá o seu inconstestavel amanhã de triumpho.

E'-nos prazeroso escrever assim, confortarnos a alma a expontaneidade destas phrases que nos cáem simples e sinceras da penna affeita ao combate e á acrimonia. Com este proceder fica-nos a satisfação intima de que, com o recurso ao nosso alcance, concorremos para rosear os horisontes de quem ainda tem os olhos empanados pelas nevoas dos sonhos. E para os que começam nada ha mais suave e animador do que as boas

palavras de camaradagem e promessas.

Que o joven artista nol-as ouça e as tome no seu justo valor; não são de lisonja, não



SPARTACUS — PREMIO DE VIAGEM



illudem; são simplesmente sinceras e envolvem os nossos mais ardentes desejos de vê-lo na

mação das nossas esperanças, como também se orgulhará a nossa patria de mais um nome



TRABALHO DE HONÓRIO MELLO  
QUE OBTVE MEDALHA DE PRATA EM 1906



SUZANA SURPREHENDIDA — TRABALHO DE  
HONÓRIO MELLO QUE OBTVE MEDALHA DE OURO

maturidade do seu talento, attingindo á suprema compensação dos seus esforços, porque, com tanto, não só nos desvanecerá a confir-

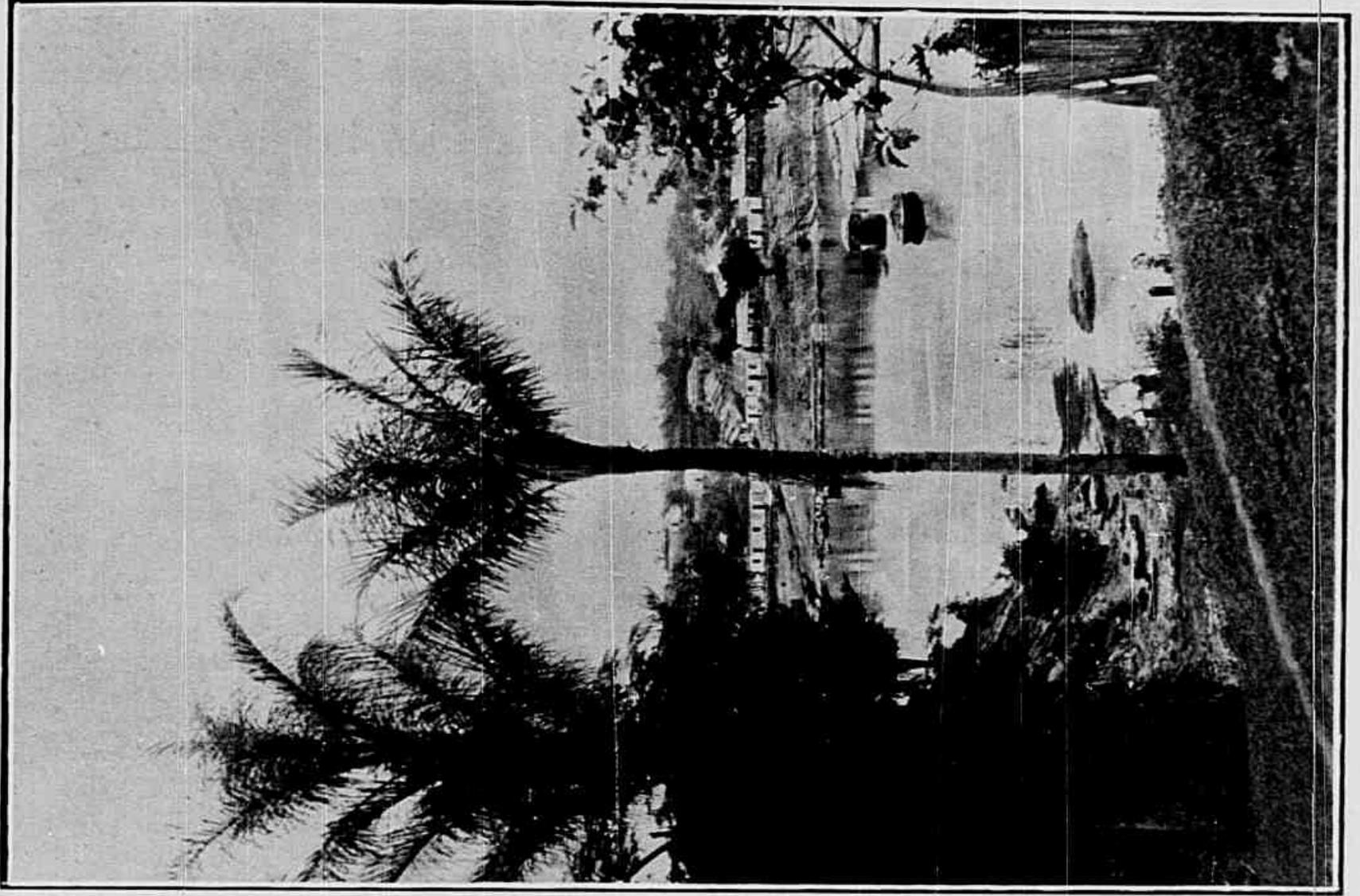
illustre entre os dos seus filhos que a ennobrecem.

G.





IGARAPÉ DA CACHOEIRA GRANDE — MANÁOS — AMAZONAS  
*Cliché de Arthur Pinheiro (Amador)*



MANÁOS — SUBURBIOS — (BAIRRO DE S. RAYMUNDO)  
*Cliché de Arthur Pinheiro (Amador)*

## MACHADO DE ASSIS

## CRITICO

## NOTICIA DA ACTUAL LITTERATURA BRAZILEIRA

Machado de Assis não foi só o extraordinario escriptor de ficção que ficará na literatura de lingua portugueza como um dos primeiros. Com uma cultura litteraria extensa e variada, um apurado bom gosto, uma fina sensibilidade esthetica e uma alta e original visão das cousas da vida e da arte, só lhe faltou para ser um grande critico, o querer sel-o, isto é, a vocação de ser critico. Mas além da critica da vida que elle, como poeta, fez superiormente na sua obra de imaginação, outra, a litteraria, apenas a fez occasionalmente e de espaço, sem nada da sequencia e methodo que poz naquella obra.

Nada obstante, os seus prefacios a livros alheios, algumas noticias que de outros deu, raros estudos criticos que muito de espaço publicou, revelam no poderoso escriptor peregrinas qualidades de critico, realçadas pelos seus muito raros e muito pessoas dotes de expressão.

Dentre essas suas paginas esparsas, muitas geralmente esquecidas e até desconhecidas, offerecemos hoje aos leitores do *Kósmos* as seguintes, tiradas do *Novo Mundo* de Março de 1873.

O *Novo Mundo* foi um periodico mensal illustrado publicado de 1870 a 1879 em Nova York pelo Dr. José Carlos Rodrigues, hoje o eminente Director do *Jornal do Commercio*. Restam delle 9 volumes, preciosos como repositorio de noticias, informações e artigos sobre os mais variados e interessantes assumptos de ordem geral, ou particular do Brazil. Com outros grandes escriptores brazileiros e portuguezes, Machado de Assis foi um dos seus collaboradores.

Com serem sabiamente pensadas e formosamente escriptas, estas paginas do grande escriptor, tem, não obstante os seus 35 annos ainda toda a oportunidade e cabimento, e plenamente revelam que em Machado de Assis as capacidades de criador pediam meças ás de critico.

## INSTINCTO DE NACIONALIDADE

QUEM examina a actual litteratura brazileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instincto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as fórmulas litterarias do pensamento buscam vestir-se com as côres do paiz, e não ha negar que semelhante preocupação é symptoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de GONÇALVES DIAS, PORTO ALEGRE, e MAGALHÃES são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aquelles continuaram as de JOSÉ BAZILIO DA GAMA e SANCTA RITA DURÃO. Escusado é dizer a vantagem deste universal accordo. Interrogando a vida brazileira americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando physionomia propria o pensamento nacional. Esta outra independencia não tem Sete de Setembro nem campo de Ypiranga; não se fará n'um dia, mas pausadamente, para sahir mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ella até perfazel-a de todo.

Sente-se aquelle instincto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restricta em extremo, pouco sollicita, e ainda menos apaixonada nestas questões de poesia e litteratura. Ha nella um instincto que leva a applaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionaes. A juventude litteraria, sobretudo, faz deste poncto uma questão de legitimo amor proprio. Nem toda ella terá meditado os poemas de URUGUAY e CARAMURÚ com aquella attenção que taes obras estão pedindo; mas os nomes de BASILIO DE GAMA e DURÃO são citados e amados, como precursores da poesia brazileira. A razão é que elles buscaram am roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa physionomia litteraria, enquanto que outros, GONZAGA por exemplo, respirando aliás os ares da patria, não souberam desligar-se das faixas da Arcadia nem dos preceitos do tempo. Admirasse-lhes o talento, mas não se lhes perdôa o cajado e a pastora, e nisto ha mais erro que acerto.

Dado que as condições deste escripto o permittissem, não tomaria eu sobre mim a defeza do mau gosto dos poetas arcadicos nem o fatal estrago que essa eschola produziu nas litteraturas portugueza e brazileira. Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniaes, iscados daquelle mal; nem egualmente justa a de não haverem trabalhado para a independencia litteraria, quando a independencia politica jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metropole e a colonia creára a historia a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de BASILIO DA GAMA e DURÃO quizeram antes ostentar certa côr local do que tornar independente a litteratura brazileira, litteratura que não existia ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instincto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes ultimos tempos, conviria examinar si possuímos todas as condições e motivos historicos de uma nacionalidade litteraria; esta investigação, (poncto de divergencia entre litteratos) além de superior ás minhas forças, daria em resultado levar-me em longe dos limites deste escripto. Meu principal objecto é attestar o facto actual; ora, o facto é o instincto de que fallei, o geral desejo de crear uma litteratura mais independente.

A aparição de GONÇALVES DIAS chamou a attenção das musas brazileiras para a historia e os costumes indianos. Os *Tymbiras*, *Y-Juca-Pyrama*, *Tabira* e outros poemas do egregio poeta accenderam as imaginações; a vida das tribus, vencidas ha muito pela civilização, foi estudada nas memorias que nos dei aram os chronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes

todos alguma cousa, qual um idyllio, qual um canto epico.

Houve depois uma especie de reacção. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semi-barbaros anteriores á nossa civilização, o que era verdade, — e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existencia da raça extincta, tão differente da raça triumphante, — o que parece um erro.

E' certo que a civilização brazileira não está ligada ao elemento indiano, nem d'elle recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribus vencidas os titulos da nossa personalidade litteraria. Mas si isto é verdade, não é menos certo que tudo é materia de poesia, uma vez que traga as condições do bello ou os elementos de que elle se compõe. Os que, como o Sr. VARNHAGEN, negam tudo aos primeiros povos deste paiz, esses podem logicamente excluir-os da poesia contemporanea. Parece-me, entretanto, que, depois das memorias que a este respeito escreveram os Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS, não é licito arredar o elemento indiano da nossa applicação intellectual. Erro seria constituil-o um exclusivo patrimonio da litteratura brazileira; erro igual fôra certamente a sua absoluta exclusão. As tribus indigenas, cujos usos e costumes JOÃO FRANCISCO LISBOA cotejava com o livro de TACITO, e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos, desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fôra sua; mas a raça minadora que as frequentou, colheu informações preciosas e nol-as transmittiu como verdadeiros elementos poeticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, devêra ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando na litteratura os que a fatalidade da historia divorciou.

Esta é hoje a opinião triumphante. Ou já nos costumes puramente indianos, taes quaes os vemos nos *Tymbiras*, de GONÇALVES DIAS, ou já na lucta do elemento barbaro com o civilizado, tem a imaginação litteraria do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular effeito, dos quaes citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. DE ALENCAR, uma das primeiras obras desse fecundo e brillante escriptor.

Comprehendendo que não está na vida indiana todo o patrimonio da litteratura brazileira, mas apenas um legado, tão brazileiro como universal, não se limitam os nossos escriptores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, egualmente offerecem á imaginação bôa e larga materia de estudo. Não menos que elles, os convida a natureza ame-

ricana, cuja magnificencia e esplendor naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance sobretudo apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. BERNARDO GUIMARÃES, que brilhante e ingenuamente nos pineta os costumes da região em que nasceu, J. DE ALENCAR, MACEDO, SILVIO DINARTE (Escragnolle Tainay), FRANKLIN TAVORA, e alguns mais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se ás vezes uma opinião, que tenho por erronea; é a que só reconhece espirito nacional nas obras que tractam de assumpto local, doutrina que, a ser exacta, limitaria muito os cabedaes da nossa litteratura. GONÇALVES DIAS, por exemplo, com poesias proprias seria admitido no pantheon nacional; se exceptuarmos os *Tymbiras*, os outros poemas americanos, e certo numero de composições, pertencem os seus versos pelo assumpto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, enthusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e e cluo dahi as bellas *Sextilhas de Frei Antão*, que essas pertencem unicamente á litteratura portugueza, não só pelo assumpto que o poeta extrahiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estylo que elle habilmente fez antiguando. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quaes tem por theatro o Brazil. Iria longe si tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria si fosse necessario recorrer aos estranhos. Mas, pois que isto vae ser impresso em terra americana e ingleza, perguntarei simplesmente si o auctor do *Song of Hiawatha*, não é o mesmo auctor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admiravel é? e perguntarei mais si o *Hamlet*, o *Othello*, o *Julio Cesar*, a *Julietta e Romeo*, têm alguma cousa com a historia ingleza ou com o territorio britannico, e si entretanto SHAKESPEARE não é, além de um genio universal, um poeta essencialmente inglez?

Não ha duvida que uma litteratura, sobretudo uma litteratura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assumptos que lhe offerece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escriptor, antes de tudo, é certo sentimento intimo, que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quando tracte de assumptos remotos no tempo e no espaço. Um notavel critico da França analysando ha tempos um escriptor escossez, MASSON, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser Bretão sem fallar sempre do tojo, assim MASSON era bom Escossez, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dicto acrescentando que havia nelle um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que si fôra apenas superficial.



Estes e outros pontos cumpria á critica estabelecer-os, si tivéssemos uma critica doctrinaria, ampla, elevada, correspondente ao que ella é em outros paizes. Não a temos. Ha e tem havido escriptos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influencia quotidiana e profunda que devêram exercer. A falta de uma critica assim é um dos maiores males de que padece a nossa litteratura, é mister que a analyse corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de historia se investiguem, que as bellezas se estudem, que os sinões se aponctem, que o gosto se apure e eduque, para que a litteratura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

### O ROMANCE

De todas as fórmulas varias as mais cultivadas actualmente no Brazil são o romance e a poesia lyrica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte, creio eu. São facéis de perceber as causas desta preferéncia da opinião, e por isso não me demoro em aponctal-as. Não se fazem aqui (fallo sempre genericamente) livros de philosophia, de linguistica, de critica historica e de alta politica, e outros assim, que em alheios paizes achem facil acolhimento e boa extracção; raras são aqui essas obras e escasso o mercado dellas. O romance póde-se dizer que domina quasi exclusivamente. Não ha nisto motivo de admiração nem de censura, tractando-se de um paiz que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda nutrida de solidos estudos. Isto não é desmerecer o romance, obra d'arte como qualquer outra, e exige da parte do escriptor qualidades de boa nota.

Aqui o romance, como tive occasião de dizer, busca sempre a côr local. A substancia, não menos que os accessorios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do paiz, e em parte os de algumas cidades, muito mais chegados á influencia europea, trazem já uma feição mixta e ademães diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ella é tractada alguns ha de merito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de analyse, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita pagina instructiva. Do romance puramente de analyse rarissimo exemplar temos, ou porque a nossa indole não nos chame para ali, ou porque seja esta casta de

obras ainda incompativel com a nossa adolescencia litteraria.

O romance brasileiro recommenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estylo mui adequada ao espirito do nosso povo. Ha em verdade occasiões em que essas qualidades parecem sahir da sua medida natural, mas em regra conservam-se estremes de censura, vindo a sahir muita cousa interessante, muita realmente bella. O espectáculo da natureza, quando o assumpto o pede, occupa notavel logar no romance, e dá paginas animadas e pictorescas, e não as cito por me não divertir do objecto exclusivo deste escripto, que é indicar as excellencias e os defeitos do conjuncto, sem me demorar em pormenores. Ha boas paginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descripção, excellente, sem duvida, mas (como dizem os mestres) de mediano effeito, si não avultam no escriptor outras qualidades essenciaes.

Pelo que respeita á analyse de paixões e caracteres são muito menos communs os exemplos que podem satisfazer a critica; alguns ha porém de merecimento incontestavel. Esta é, na verdade, uma das partes mais difficeis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escriptor dotes não vulgares de observação, que, ainda em litteraturas mais adiantadas, não andam á rodo nem são a partilha do maior numero.

As tendencias moraes do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos elles serão de principio a fim irreprehensíveis; alguma cousa haverão que uma critica austera poderia aponctar e corrigir. Mas o tom geral geral é bom. Os livros de certa eschola franceza, ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a litteratura brasileira, nem sinto nella tendencias para adoptar as suas doutrinas, o que é já notavel merito. As obras de que fallo foram aqui bem vindas e festejadas, como hospedes, mas não se alliam á familia nem tomaram o governo da casa. Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do periodo romantico; os escriptores que se vão buscar para fazer comparações, — são ainda aquelles com que o nosso espirito se educou, os VICTOR HUGOS, os GAU TIERS, os MUSSETS, os GOZLANS, os NERVALS.

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos o está de tendencias politicas, e geralmente de todas as questões sociaes, — o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para attestar o facto. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro dominio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do seculo, alheia ás crises sociaes e phi-



losophicas. Seus principaes elementos são, como disse, a pinctura dos costumes, a lucta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo dos sentimentos e dos characteres; com esses elementos, que são fecundissimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notavel.

No genero dos contos, á maneira de HENRI MURGER, ou á de TRUEBA, ou á de CH. DICKENS, que tão diversos são entre si, teem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, igualmente folhetinista elegante e jovial. E' genero difficil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia lhe faz mal, affastando-se delle os escriptores, e não lhe dando, penso eu, o publico toda a attenção de que elle é muitas vezes credor.

Em resumo, o romance, fórmula extremamente apreciada é já cultivada com alguma extensão, é um dos titulos da presente geração litteraria. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma critica minuciosa e severa, e si a houvessemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce. Ha geralmente viva imaginação, instincto do bello, ingenua admiração da natureza, amor ás cousas patrias, e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu fructos excellentes, e os ha de dar em muito maior escala.

## A POESIA

A acção da critica seria sobretudo efficaz em relação á poesia. Dos poetas que appareceram no decennio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos annos, como ALVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASEMIRO DE ABREU, cujos nomes excitam na nossa mocidade legitimo e sincero enthusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. O que sobreviveram calaram as lyras, e se uns voltaram as suas attensões par outro genero litterario, como BERNARDO GUIMARÃES, outros vivem dos louros collidos, si é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de VARELLA, poeta que já pertence ao decennio de 1860 a 1870. Neste ultimo prazo outras vocações appareceram e numerosas, e basta citar um CRESPO um SERRA, um TRAJANO, um CENTIL-HOMEM DE ALMEIDA BRAGA, um CASTRO ALVES, um LUIZ GUIMARÃES, um ROZENDO MONIZ, um CARLOS FERREIRA, um LUCIO DE MENDONÇA, e tantos mais, para mostrar que a poesia contemporanea póde dar muita cousa; e si algum destes como CASTRO ALVES, pertence á eternidade, seus ver-

soz podem servir e servem de incentivo ás vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acho da actual poesia atenho-mo só aos poetas de recentissima data, melhor direi a uma eschola agora dominante, cujos defeitos me parecem graves, cujos dotes — valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adoptar a necessaria emenda.

Não faltam á nossa actual poesia fogo nem estro. Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na côr local; como acima disse, todas ás fórmulas a revelam com mais ou menos brilhante resultado, bastando-me citar neste caso, a outras duas recentes obras, as *Miniaturas* de GONÇALVES CRESPO e os *Quadros* de J. SERRA, versos extremados dos defeitos que vou assignalar. Accrescentarei que tambem não falta á poesia actual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ella então? Em que pecca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correcção e gosto; pecca na intrepidez ás vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento. A imaginação, que a ha deveras, não raro desvaira e se perde chegando á obscuridade e á hyperbole, quando apenas buscava a novidade e a grandeza. Isto na alta poesia lyrica, — na ode, diria eu, si ainda subsistisse a antiga poetica; na poesia intima e elegiaca encontram-se os mesmos defeitos, e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporanea grave doença que é força combater.

Bem sei que as scenas magestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do sul, os grandes rios, a matta virgem com todas as suas magnificencias de vegetação, — não ha duvida que são paneis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com oportunidade, e expressos com simplicidade. Ambas essas condições faltam á poesia contemporanea, e não é que escassêem modelos, que ali estão, para só citar tres nomes, os versos de BERNARDO GUIMARÃES, VARELLA e ALVARES DE AZEVEDO. Um unico exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabaes para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande idéa. Nos *Tymbiras* ha uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, porque se affasta dos outros guerreiros e vive só. A falla do ancião começa com estes primorosos versos:

\* São torpes os anãos, que em bandos folgam,  
São máos os caitetús que em varas pascem:

Nada mais opportuno nem mais singelo do que isto. A eschola a que alludo não exprimiria



a idéa com tão simples meios, e faria mal, por que o sublime é simples. Fôra para desejar que ella versasse e meditasse longamente estes e outros modelos que a litteratura brazileira lhe offerece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação: mais esta tem suas regras, o estro leis, e si ha casos em que elles rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam SHAKESPEARE, DANTE, GOETHE, CAMÕES.

Indiquei os traços geraes. Ha alguns defeitos peculiares a alguns livros, como por exemplo, a antithese, creio que por imitação de VICTOR HUGO. Nem por isso acho menos condemnavel o abuso de uma figura que, si nas mãos do grande poeta produz grandes effeitos, não póde constituir objecto de imitação, nem sobretudo elemento de escola.

Ha tambem uma parte da poesia, que justamente preocupada com a côr local, cahe muitas vezes n'uma funesta illusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do paiz, o que póde dar uma nacionalidade de vocabulario e nada mais. Aprecia-se a côr local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturaes, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponcto não os tenho por incorrigiveis; a critica os emendaria; na falta della, o tempo se incumbirá de trazer ás vocações as melhores leis.

## O THEATRO

Esta parte pode reduzir-se uma linha de reticencias. Não ha actualmente theatro brazileiro; nenhuma peça nacional se representa. As scenas theatraes deste paiz viveram sempre de traducções, o que não quer dizer que não admittissem alguma obra nacional quando apparecia. Hoje que o gosto publico tocou o ultimo grau da decadencia e perversão, enluma esperanza teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lh'as receberia, si o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o cancan, a magica apparatusa, tudo o que falla aos sentidos e aos instinctos inferiores?

E todavia a continuar o theatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito os haviam de animar. Não fallo das comedias do PENNA, talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeiçoar-se e empregar obras de maior vulto; nem tambem das tragedias de MAGALHÃES e dos dramas de GONÇALVES DIAS, PORTO ALEGRE e AGRARIO. Mais recentemente, nestes ultimos doze ou quatorze annos, houve tal ou qual movimento.

Appareceram então os dramas e comedias do Sr. J. DE ALENCAR, que occupou o primeiro logar na nossa eschola realista, e cujas obras *Demonio Familiar* e *Mãe* são de notavel merecimento. Logo em seguida appareceram varias outras composições dignas do applauso que tiveram, taes como os dramas dos Srs. PINHEIRO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAYUVA e algum mais; mas nada disso foi adiante. Os auctores cêdo se enfastiaram da scena, que a pouco e pouco foi decahindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Provincia ainda não foi de todo invadida pelos espectaculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comedia, — mas não apparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este poncto.

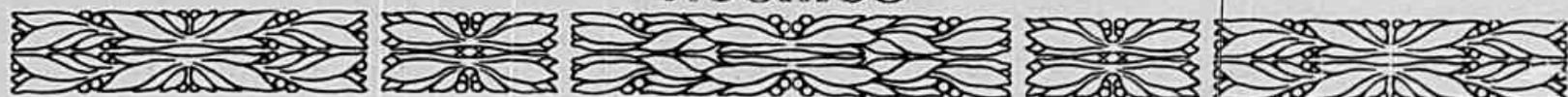
## A LINGUA

Entre os muitos meritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da lingua. Não é raro vêr intercallado em bom estylo os sollecismos da linguagem commum, defeito grave, a que se juncta o da excessiva influencia da lingua franceza. Este poncto é objecto da divergencia entre os nossos escriptores. Divergencia digo, porque, se alguns cahem naquelles defeitos por ignorancia ou preguiça, outros ha que os adoptam por principio, ou antes por uma exaggeração de principio.

Não ha duvida que as linguas se augmentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no seculo de quinhentos é um erro igual ao de affirmar que a sua transplantação para America não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influencia do povo é decisiva. Ha por tanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no dominio do estylo e ganham o direito de cidade.

Mas si isto é um facto incontestavel, e si é verdadeiro o principio que delle se deduz, não me parece acceitavel a opinião que admittie todas as alterações da linguagem, ainda aquelles que destroem as leis da syntaxe e a essencial da pureza do idioma. A influencia popular tem um limite; e o escriptor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrario, elle exerce tambem uma grande parte de influencia e este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Feitas as excpções devidas, não se leem muito os classicos no Brazil. Entre as excepções poderia eu citar até alguns escriptores, cuja opi-



nião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os classicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como AZURÁRA ou FERNÃO MENDES seria hoje um anachronismo insupportavel. Cada tempo tem o seu estylo. Mas estudar-lhes as fórmulas mais apuradas da linguagem, desentranhar delles mil riquezas que, á força de velhas, se fazem novas,— não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o peculio commum.

Outra cousa de que eu quizera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe affiança muita vida aos seus escriptos. Ha um prurido de escrever muito e depressa; tira-se disso gloria, e não posso negar que é caminho de applausos. Ha intenção de egualar as creações do espirito com as da materia, como se ellas não

fossem neste caso inconciliaveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espirito são precisos alguns mais.

Aqui termino esta noticia. Viva imaginação, delicadesa e força de sentimento, graças de estylo, dotes de observação e analyse, ausencia ás vezes de gosto, carencia ás vezes de reflexão e pausa, lingua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita côr local, eis aqui por alto os defeitos e as excellencias da actual litteratura brazileira, que ha dado bastante e tem certissimo futuro.

MACHADO DE ASSIS.

(Do Vol. III do Novo Mundo — pags. 107 e 108.)



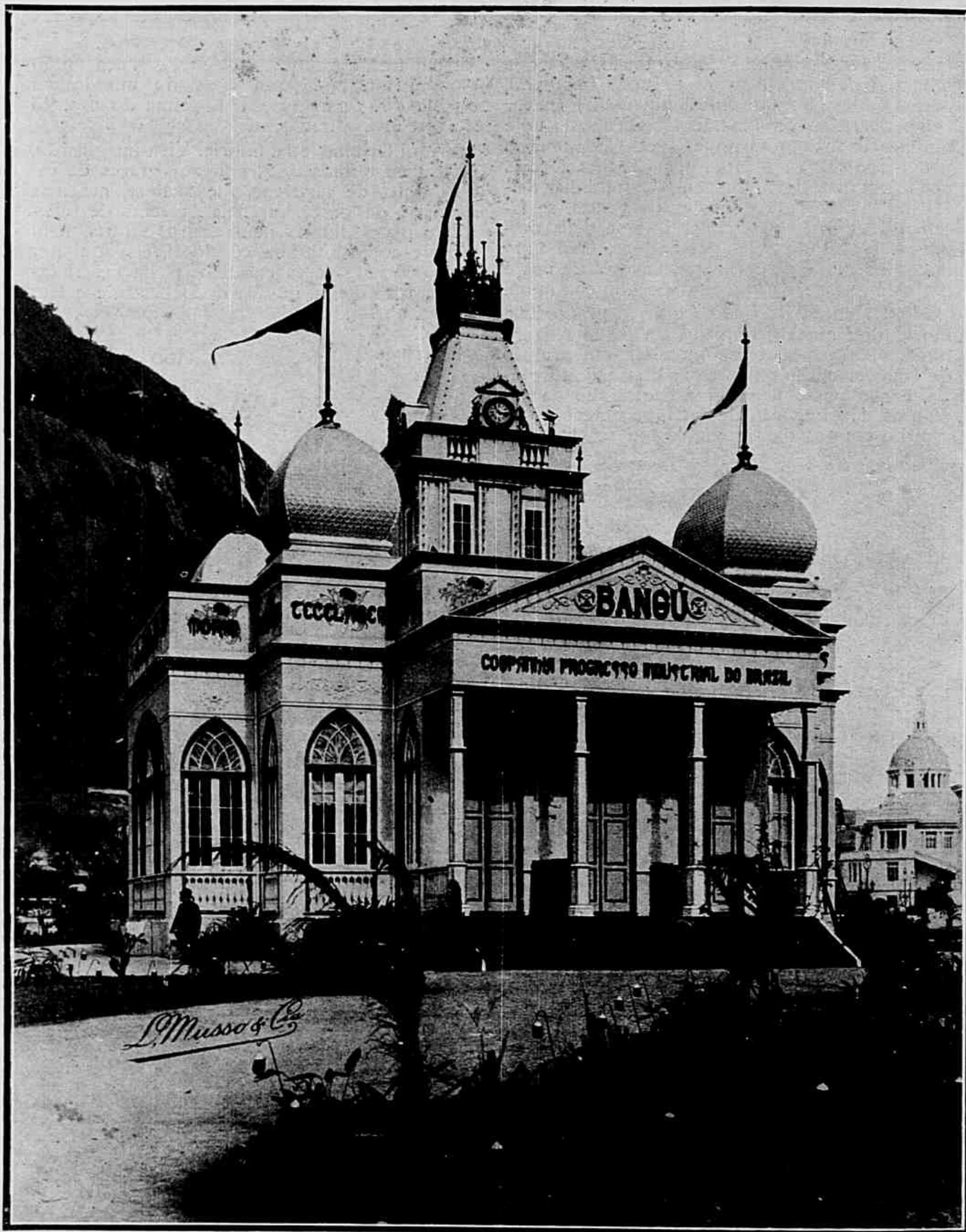
---

---

Exposição Nacional

---

---



---

---

O Pavilhão da Fabrica de Tecidos COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL  
estabelecida no Bangú.

---

---



## CHRONICA DE SAUDADE

NOS ultimos mezes de 1902, por uma pesada noite de verão, Trajano Chacon bateu á porta da minha casa. Vinha me convidar para a redacção da sua revista. Chacon planejava uma revista de Arte, collaborada por todos os escriptores e artistas brasileiros, sem distincção de idade e de escolas, mas modelada por processos novos que destóassem da fôrma sedicã das congeneres.

Esse Trajano Chacon, que hoje vive no Recife advogando, creio, e não sei se politicando, era um bello sonhador, de imaginação tropical e resoluções mantidas á força de uma vontade resistente. Senhor de grande talento e com uma comprehensão de arte excedente á da trivialidade dos que se limitam aos dictames das escolas ou do sectarismo, o que podia manter com o brilho da opinião propria devido á sua boa e copiosa cultura mental, facilmente attrahia sympathias e fazia amigos. Nós nos affeiçoamos ao termo de duas ou trez vezes de palestras. Até hoje só conheço um homem que tenha esse poder de fascinação — é o Dr. Fabio Luz, postoquê esse não possuía o gesto forte e o exterior rebellado de Chacon. Fabio Luz é meigo e acariciador; ninguem dirá que sob aquella modesta e insinuante apparencia está o socialista convicto, o pensador independente dos *Emancipados* e do *Idéologo*.

Que foi essa generosa illusão do meu caro Chacon todos nós sabemos, eu, que me vou envelhecendo sem poder repetir com o verso de Valentim de Magalhães — proveitosamente, — e os moços que ali estão, rutilantes e felizes.

Chamava-se *Atheneida* a formosa revista, e appareceu em Janeiro de 1903, trazendo na capa a photogravura da herma do Passeio Publico com o busto de Gonçalves Dias, e um lindo soneto do Bilac celebrando a gloriosa memoria daquelle a quem diz o poeta:

Celebraste o dominio soberano  
Das grandes tribus, o tropel fremente  
Da guerra bruta, o entrechocar insano  
Dos tacapes vibrados rijamente...

Foi um numero promettedor, mas, nem por isso, meu amigo Chacon deixou de sentir a responsabilidade dum director de publicação que se obriga a dar doze numeros annuaes sob assignaturas pagas.

A *Atheneida* tem para mim a doçura duma saudade. Foi ali que eu me liguei estreitamente a um dos mais ricos e, repitirei com a *chapa*,

dos mais fulgurantes talentos que tenho conhecido — o Camerino Rocha.

Camerino era um feixe de nervos com uma cabeça estranhamente adoravel. Ainda a estou a vêr na minha memoria. Tinha essa pallidez morena peculiar a algumas moças do norte, pallidez caracteristicamente feminina e, por assim ser, delicada, como feita duma velutina de ocre e pó de arroz. Era-lhe o nariz fino e comprido, de narinas soffregas; o bigode farto, negro, em arrogancia cavalleiresca no arriçado das pontas, e a bocca tumida, a conter ardencias sensuaes que pareciam espumar nas duas filas nitidas e claras dos dentes. Negros e fundos, quasi sempre tornados melancolicos, com vago luzir dos ponentes, eram-lhe os olhos, em que se trahia a inquietação do seu grande espirito analytico e atormentado, e sobre a sua vasta fronte cahiam em madeixas rebeldes os cabellos azevichados, a que a luz dava reflexos d'azulacre e os cuidados tafues da mocidade enchiam do aroma cáldo, sensualisante, da baunilha aphrodisiaca.

Uma linda cabeça!

Se os nervos não o atormentassem, Camerino Rocha seria um formoso mancebo, no aplomb esculptural dum *gentilhomme du Midi*. Até a estatura, menos para a baixa do que para a alta, até o esguio do corpo, preparavam-n'o para o desenho dum namorado senhor de capellina e espadim!

Mas, os nervos... ai, os seus malditos nervos não lhe consentiam repouso, nem mesmo quando parado á porta dum café, ou ás esquinas da Ouvidor em palestra com os grupos da camaradagem, elle parecia quieto um momento; dava posições extravagantes ao busto, torcicollos inesperados de acrobata, descambos deselegantes de cansaço, e sempre, continuamente, fazia uma das pernas tremer, estivesse de pé ou sentado, ou meneiava a cabeça como num exercicio frenetico de desarticulação.

Esse exaggero nervoso transparecia-lhe na voz, que, apesar de franca e sonóra, tinha um timbre metalico, agúdo, aspero, sem com tudo attingir á paraphonia.

Unimo-nos sympathicamente na *Atheneida*, por uma razão concordante de ideias e gostos.

Camerino veio do Pará para cursar uma das Academias do Rio, mas, aqui, em um meio intellectual e novo para o seu provincianismo, esqueceu os deveres de academico para se reduzir a litterato.

Na natureza humana ha accumullos physiologicos que fazem inclinar o cerebro para essa ou aquella predilecção.

Ninguem é pintor ou poeta porque o quer ser, mas porque tem de o ser, fatalmente. Taes e taes particularidades do organismo, o elemento componente de umas tantas cellulas que



fazem o individuo mais ou menos sensível a esses aspectos de preferéncia áquelles, que mais apurado tornam um determinado sentido, e de um modo singular actuam na sua vida emotiva, é que estabelecem o pendor de cada homem para uma funcção especial ou seja a sua aptidão. Miguel Angelo, apesar do seu genio, e de ter começado pintor, foi mais notavelmente esculptor; outro tanto pode se dizer de Cánova, que é um esquecido diplomata e sempre lembrado esculptor.

O ambiente encarrega-se de melhorar ou piorar essa disposição.

Assim Camerino, que veiu ao Rio, para ser doutor, parou na bohemia, que é, attendida a applicação particular dada a esta palavra, o inicio ou noviciado litterario.

Desde que me referi a applicação particular dada a bohemia, devo me explicar. Ha muita gente boa e de gravata lavada, como diziam os nossos avós, que restringe o termo ao seu valor representativo. Não é uma temosia, é, antes, uma falha de latitude na comprehensão.

Julgam por bohemios todos os vadios, malandrões, exploradores da generosidade dos bons, parasitas dos alegres e gastadores, e que sem officio ou profissão enchem o bandulho á custa alheia. E' uma lamentavel **confusão**.

A palavra *bohemia*, acclimada em nosso meio, envolve uma risonha ironia com que se qualificam, a si proprios, os refractarios ao gregarismo, ao consenso passivo das multidões guiadas pela vara zagalesca de uma moral falsamente estabelecida e de uma ordem supinamente hypocrita.

Sem disciplina apparente, sem obediencia a mandões e a preceitos, formando grupos isolados, e vivendo num sopposto descuido que mais não é do que liberalismo, affecto desinteressado senão abnegação, e afinidade selectiva, trabalham honestamente e honradamente se mantem, porque não lhes póde macular uma ou outra rapaziada apontada. Não se levam á conta moral de um medico respeitado, dum advogado illustre, dum engenheiro notavel, as *partidas* gaiatas e ladinas que qualquer delles tenha pregado aos «homens serios» na temporada dos estudos.

E foi assim que o Camerino parou na *Bohemia* com um vasto cabedal de leitura, desde os românticos gregos e latinos até os decadentes de Pariz e de Lisboa.

E que elegante bohemio soube ser o meu infeliz amigo!

Era de vê-lo nas calçadas da Ouvidor com o seu chapéo alto de pello de seda, correcto nos seus vestuarios escuros, o collarinho reluzente, a sedosa gravata caprichosamente atada, os botins brilhantes! E depois de ter feito a *causerie* litteraria do dia, aqui, ali, com politicos

litteraturantes, com os *sanccionados* ainda não unidos pela consagração duma Academia, que começou por ser de letras e ameaça acabar em gremio da alta roda, provavelmente dansante, como continuação do *Club dos Diarios* com a competente rolêta dos cavallinhos, elle travava o braço com o dum amigo, a sorrir das necesdades ouvidas, e subia as escadas dum restaurante de alto preço, onde escolhia vinhos caros e iguarias ao sabor da diplomacia ornamental. Por esse motivo contaram cousas fantasticas a seu respeito. Attribuiram-lhe pantagruelismos de arrancar gargalhadas a uma botina cambada, e ainda tenho a admiração em riste por não ouvir referencias ás suas noites helligabalescas! Desta escapou elle, e não sei como.

Uma vez um senhor me perguntava, anciando de curiosidade: Mas... é verdade que esse nobre Camerino cejava em porcelánas de Sévres?

— Cejava — respondi, pacientemente.

— E ao fim da ceia quebrava a porcelána?

— Não, isso não fazia o meu amigo, pelo simples motivo de se não achar embriagado; deixava esse doce trabalho ao seu creado inglez...

— Hein!... creado inglez!... Pois elle se dava a esse luxo?...

— Tinha-o... e pelo signal que era o filho desherdado dum lord cruel.

— Extraordinario!... E dizem que bebia os melhores vinhos...

— Sim, senhor; os melhores não, os unicos bons vinhos que vieram ao Brasil. Chypre, Cós, Tockay...

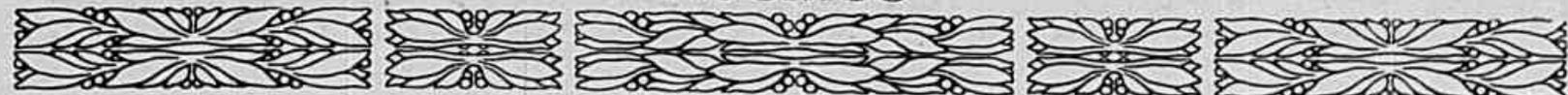
— Então... esse fidalgo gastou uma fortuna

— Nunca tive a incivilidade de verificar a *lista civil* do meu amigo; mas, pelo que dizem, em dois annos foram por ahi assim uns quatrocentos contos... ha quem diga mil.

— E' extraordinario!... Mil contos gastos no Rio de Janeiro... em dois annos... E' extraordinario!

Bem se vê que o mais extraordinario no caso era o incommensuravel idiota que me inquiria.

Mas, até certo ponto, até o ponto que se não avisinha da tolice, havia razão para semelhante legenda. Camerino Rocha sabia «guardar a linha» do seu viver elegante e isso não era uma affectação das suas pretenções mundanas, era uma das facêtas do seu fascinante espirito. Attrahido pelo multimpresionismo da rua, o seu maior cuidado estava em se não deixar confundir com o vulgo, para contentar as predilecções do seu fino gosto. Ipsocrata por temperamento e por cultura litteraria, á sua individualidade repugnava a promiscuidade e o



vulgarismo. Elle conservava o preceito inglez de tudo ser feito sem accusar a menor baixeza. E mais pela cultura do que, propriamente, por inclinação natural, mantinha esse principio com admiravel respeito, porque as curiosidades do seu espirito o afastavam das cousas corriqueiras e da esterilidade dos futeis para o reterem nos *ateliers*, nas bibliothécas, nos museus ou, em escapádas a miude, no isolamento das montanhas e das praias em que se tem de fórma absoluta o goso da meditação. E elle, que recitava de cór Beaudelaire, Verlaine, Mallarmé; que falava em modas e fazia madrigaes ás meninas casadeiras, tinha em mais alto respeito Nervicow e lêra todo o Kropotkine. Elisée Reclus merecia-lhe culto e do socialismo italiano não havia um só auctor que lhe não houvesse passado attentamente pelos olhos como passaram Spencer, Suart Mill e tambem a velha phalange dos espiritualistas, sem esquecer a philosophia grega, cujos auctores gostava de citar a proposito de questões modernas.

Entretanto esse lucido espirito nada ou quasi nada deixou de si, que o salve do nebuloso esquecimento dos annos. Foi um improductivo occasional, porque, ao sentir o prurido da producção, no momento em que se viu apparelhado para os combates da intelligencia e os arrancos demolidores da opinião pessoal, a tuberculose, que lhe vinha insidiosamente minando o corpo sem repouso, se declarou irremediavel, anniquiladora, fatal.

Camerino quiz oppôr-se-lhe á marcha vertiginosa. Correu ao Pará. Aquelle clima, porém, era-lhe hostile. Talvez não fosse só o clima que o hostilizasse... Que sei?

Ai!... tambem eu, por esse tempo, sentia-me alquebrado. Appareceram-me os primeiros

cabellos brancos, mais pela lucta constante contra as infelicidades que se apostaram em destruir-me os idéaes e crenças, do que pela idade. Minguára-se-me a luz dos olhos, embaciada por uma enfermidade hereditaria; a audição se me tornava cada vez mais difficil; o corpo, escarvado pela irregularidade e por esperdiços de uma existencia afanosa e desventurada, exigia tratamento e calma. Recolhi-me a esta meio remançosa solidão, que por ahí suppoem orgulho, e que afinal não passa, em verdade, de vexada pobreza physica e economica que, honestamente, se arreceia de parecer curiosidade a modo de phenomeno pathologico ou monstrengo de feira.

Não tive novas do Camerino. Creio que elle nunca me escreveu para me furtar ao dis-sabôr de sabel-o peor. Um dia, em 1906, fui surprehendido pela noticia do seu fallecimento. Li-a numa gazeta. Camerino morrera aqui, num lugarejo obscuro desta cidade, sem que eu o soubesse de volta da sua provincia!

Foi uma surpresa dolorosa, que me deixou n'alma uma interrogativa eterna, e que hoje, não sei se por presagio do meu termo propinquo, se por saudade apenas, não sei bem porquê, me faz traçar estas paginas de recordação.

Seja porque fôr! de qualquer maneira é uma suave lembrança desse bello rapaz que foi, numa época d'esmorecimentos moraes e num meio em que se apagava o fulgor de individualidades soberanas, a personificação de um Sonho.

1908.

GONZAGA DUQUE.



## QUATRO FORMOSAS DAMAS

**A** DIZER com propriedade foi no tempo do Rei-Sol que as mulheres tiveram a sua Renascença, dellas proveiu grande parte do luzimento dessa cõrte magnificente e, devido aos seus talentos, a posteridade chegou a conhecer a vida intima, galante e espirital da época em que appareceram Mmes. de Sèigné, La Fayette, Vallières, Longueville, Maintenon e tantas outras, que formam a constellação mais brilhante da alta espiritalidade franceza, senão da européa.

A titulo de curiosidade vamos dar aqui os retratos e notas biographicas de quatro formosas e notaveis damas dessa época, que não escaparam á galeria das mulheres celebres de Sainte Beuve, mas que muita gente não as conhece.

São quatro typos altamente interessantes, que tiveram o seu periodo de intenso brilho e ficaram entre as suas contemporaneas como estrellas de primeira grandeza daquella constellação.

Desde já prevenimos que, genuinamente mulheres daquelle tempo, não se lhes poderá exigir o rigorismo das virtudes que conjecturamos existir nos conventos.



PRINCEZA\*DES URSINS

A princeza des Ursins foi uma dessas mulheres de que o cardeal de Mazarino dizia serem capazes de *renverser dix Etats*.

Anna-Maria de La Trimouille, tal era o nome da princeza, nasceu em 1642, em Paris. Descendia, por parte de pae, dos La Tremouilles, e por parte materna de uma burgueza da capital da França. Em 1659 casou com o principe de Chalais, da casa Talleyrand. Um duello obrigou seu marido a partir para a Hespanha, Anna-Maria acompanhou-o, mas pouco tempo depois, seguiram para Roma, onde o principe de Chalais falleceu, deixando a mulher ás portas da miseria.

Mme. viuva estava então em pleno florescimento de seus encantos. Saint'Simon pintou-a nestes termos: «... de um talhe perfeito, um bello busto, e um rosto que, sem ter belleza, era encantador; possuindo a distincção da nobreza, o quer que fosse de magestoso no seu porte, e tanta graça natural em tudo, até nas cousas as mais insignificantes ou indifferentes, que eu nunca vi quem se lhe pudesse comparar, quer no corpo, quer no espirito, com que a natureza a dotou prodigamente; lisonjeira, cariciosa, insinuante, commedida, desejando agradar pelo simples facto de agradar, e com attractivos de que ninguem se puderia deffender quando ella queria conquistar e seduzir.»

Os encantos de Mme. viuva de Chalais tocaram o coração do principe de *Orsini*, duque de Bracciano, e a aristocracia romana, um dia, teve de assistir o casamento do principe com a encantadora franceza, que a mantinha em constante agitação dividida a numerosa cõrte de adoradores que se genuflexavam ao menor gesto mandatario da soberana mulher.

Esse casamento, que devia contentar á sua indole ambiciosa, não lhe trouxe grande felicidade. Saint-Simon conta-nos que o *ménage* foi «pouco concordante, sem rompimentos declarados, mas pensando ambos os esposos, algumas vezes, em se separem». E pelo que rezam as chronicas o duque de Bracciano teve razões de sobra para assim pensar.

Mas, se o talento e a belleza desculpam muitas faltas, senão todas como querem alguns, deve-se perdoar á encantadora princeza os erros que lhe apontam, mesmo porque é esse o principio christão. Jesus perdoou a Magdalena pelo muito que ella amára...

O que é exacto é que, a par de sua fraca conducta domestica, e princeza de Orsini soube se aproveitar da sua nova situação para praticar com immenso proveito a carreira diplomatica. E isso a salvou da miseria pela segunda vez, porque fallecendo o duque em 1698, e tendo a viuva verificado que nada lhe restava depois de pagar as dividas, conseguiu de Luiz XIV uma pensão para continuar na Italia a sua missão de «agente secreto» da diplomacia. E taes foram os seus serviços, tão ladinamente se houve



a princeza nesse cargo difficil, que o rei lhe deu a posição de *camarera mayor* juncto á joven rainha da Hespanha casada com o duque de Aujou.

A influencia da princeza de Orsini, que mudára seu titulo para *des Ursins*, tornou-se de tal modo poderosa na cõrte da Hespanha que em torno della choveram as intrigas e calumnias. Algumas dessas conseguiram calar no espirito do rei-sol que a fez vir á Paris.

A princeza, porem, venceu a indisposição do rei, secundada pela Maintenon, e admirada do seu enorme successo alimentou, por instantes, a idéa de substituir a esposa morgantica do grande rei.

Esse pensamento, porém, não perdurou. Mme. des Ursins desistiu delle bem a tempo de não despertar roncores a Mme. de Meintenon.

A sua volta á Hespanha devia ser o seu desastre. E o foi tremendo, assumiu ás proporções de um drama.

Em Fevereiro de 1714 a encantadora rainha morreu. Tinha vinte e seis annos. Philippe V mostrou desejos de contrahir segundas nupcias, encarregando á astucia altamente intelligente da princeza des Ursins de escolher-lhe uma esposa.

Mme. des Ursins voltou seus olhos para a Italia, onde contava o maior numero de seus amigos, e sem que se saiba o motivo principal da sua predilecção escolheu a princeza Elisabeth de Parma. A escolha não lhe podia ser mais fatal.

Aos 23 dias de Dezembro de 1714 a nova rainha da Hespanha chegava á cidade Xadraca, onde a fõra receber Mme. des Ursins, que se adiantara desse modo á Philippe V. Ao entrarem no palacio houve alguma séria desintelligencia entre as duas princezas, que os chronistas e historiadores têm descripto ao sabor de suas respectivas fantasias. O certo, porém, é que a princeza Elisabeth fez chamar o lugar tenente dos guardas, o Sr. de Amezaga, e ordenou-o expulsar do territorio hespanhol Mme. des Ursins, isso *incontinenti*, sem mesmo consentir-lhe mudar o vestido de gala com que se trajava. A ordem foi cumprida.

Mme. des Ursins, então na idade de setenta e dois annos, partiu immediatamente para a fronteira em uma carruagem, apesar do rigoroso inverno que gelava os campos. A jornada foi longa e triste. Durante dois dias a poderosa senhora teve por alimento ovos frios e chegou a dormir em leitos de palha... Luiz XIV apiedou-se della. Deu-lhe uma pensão, com a qual Mme. partiu para a Italia, e a tempo porque, apenas allí chegada, o grande rei expirava, deixando a França entregue ao duque de Orleans, declarado inimigo da princeza.

E só, quasi desamparada, ella fechou os olhos ao mundo, em que tanto brilhou, em Dezembro de 1722. Contava oitenta annos.

Diz-nos Sainte-Beuve que ainda na sua quêda, quando exilada na Italia, para não esquecer o habito de governar alguma cousa, metteu-se a governar a casa dos reis da Inglaterra.

E' possivel. Mas, em que condições...



MME. DACIER

Esta notavel franceza, nasceu em Saumur, no anno 1654.

Era seu nome Anna Le Fèvre, filha de um sabio, Tannoguy Le Fèvre, nascido em Caen. Aos dezoito annos perdeu o pae, mas, protegida pelas boas dedicações do illustre homem, vêem para Pariz, onde Huet, sub-perceptor do Delfim, lhe arranhou meio honroso de manter a existencia; deu-lhe a incumbencia de copilar os autores que eram resumidos convenientemente expurgados *ad usum Delphini*.

Pouco tempo depois Melle. Le Fèvre dava ao prélo uma edição grega e latina dos *Hymnos, Epigrammas e Fragmentos* de Callimaco.

Já senhora de larga reputação litteraria Mlle. Anna casou com Mr. Dacier, bibliothecario do gabinete real do Louvre.

A vida da bella Mme. Dacier foi largamente partilhada entre o estudo e a fina sociedade do tempo de Luiz XIV.

A ella deve a litteratura daquella brilhante época as traducções de Homero, e uma grande parte da preocupação pelas questões littera-



rias, que Mme. Dacier tratou com elevado critério, postoquê soffrese violentos ataques dos seus contradictores nem sempre generosos e não raro cometendo a incivilidade de esgaravatarem a sua vida privada com intenções calumniosas.

Mme. Dacier morreu de apoplexia em 17 de Agosto de 1720.



MME. STAAL-DELAUNAY

Com Mmes. Staal-Delaunay e Dacier começa a galeria, jamais inexcédida, das mulheres-escritoras da França.

Mme. nasceu em Pariz, em 30 de Agosto de 1684.

Seu pae era pintor, não tendo outros recursos senão os que lhe davam os pinceis. Obrigado a fugir de França, abandonou a familia que, graças á protecção d'almas caridosas, foi amparada pelas irmãs do convento de S. Luiz de Ruão, onde a pequena Delaunay recebeu a sua educação.

Por fallecimento da superiora do convento e não pretendendo tomar o véo monastico retirou-se para Paris, obtendo o modesto lugar de *creada de quarto* da duqueza de Maine, na famosa *court de Sceaux*.

A sua intelligencia, os seus cuidados, o seu *arzinho* agradável, commoveram de tal maneira a duqueza que, em breve tempo, Mlle. Delaunay gosava de completa liberdade naquella côrte, não só no seu grave papel de confidente da cunhada de Luiz XIV, de quem era dado fazer a correspondencia intima, como tambem

na sua funcção de dama galante, a qual incumbia participação directa nos entretenimentos do bello palacio construido por Le Nôtre.

Mlle. Delaunay nunca se esqueceu desse bondoso tratamento da sua poderosa *senhora*, votou-lhe imperecível fidelidade, e quando a duqueza foi encarcerada na Bastilha, ella a acompanhou desveladamente. Foi nessa prisão do Estado que Mlle. Delaunay conheceu o cavalleiro de Mesnil, seu visinho de quarto. A paixão que a envolveu, ao vêr esse prisioneiro moço e formoso, ella a contou ao mundo nas suas celebres *Memorias*.

Mas, não foi só o cavalleiro de Mesnil que occupou um lugar no seu coração; Mlle. Delaunay teve doces ligações amorosas com Silly, d'Héricourt, com Dacier, que esposou Anna Le Févre e pretendeu ser o marido da *femme de chambre* da duqueza, com Chalieu que o amou profundamente.

Mais tarde, o barão de Staal, lugar tenente das guardas suissas, depois capitão, e por fim marechal de campo, casou com ella.

Apesar da sua nova e alta posição social, Mme. de Staal-Delaunay não quiz abandonar a duqueza; unicamente a sua figura fez-se mais evidente nos salões do seculo XVIII.

Em 1750 Mme. de Staal terminava seus dias cinco annos depois morria a duqueza de Maine. E nesse momento foram dadas ao prélo as *Memorias* de Mme. Staal cujo successo excedeu, naquelle tempo, a tudo quanto se conhecia. Nem se podia esperar outra cousa. As *Memorias*, sobre o encanto da sua forma correntia e graciosa, eram o flagrante de uma sociedade que todo o mundo desejava conhecer, e na qual a propria Staal se destacava sem reбуços, apesar de que louvada por uma amiga, que conhecia esse manuscrito, por se ter desenhado com sinceridade, ella lhe respondeu: *Je ne me suis peinte qu'en buste*.

Entre 1699 e 1710, o embaixador francez em Constantinopla, M. de Ferriol, notou num grupo de escravos que ia ao mercado uma pequena extraordinariamente sympathica que, pela fineza de seus traços, pelo garbo natural de todo o seu typo, chamou a sua attenção, postoquê habituada com esse triste espectáculo.

Procurando conversar com os turcos que conduziam o grupo de escravos soube que havia pouco tempo, uma horda islamica invadira uma cidade da Circassia e escravisára os habitantes que não tinham sido trucidados. Essa pequena era uma das victimas. Todos os seus parentes, principes circassianos, tinham perecido.

M. de Ferriol condoido da sua sorte propoz-se resgatal-a, o que foi acceto pela somma carissima de 1.500 libras.

Quando veio á França M. de Ferriol trouxe a pequena circassiana em sua companhia, e



uma vez em Pariz entregou-a aos cuidados de uma sua cunhada com a condição de a educar com todo o esmero dispensado ás moças das mais altas familias daquelle tempo.

Mademoiselle Aissé (ou *Haydée* com tambem a chamavam) fez-se moça, a sua belleza desabrochou em todo o esplendor dos vinte annos. Desde então não faltaram admiradores



MADemoiselle AISSÉ

em torno da formosa circassiana e de tal modo que M. de Ferriol, informado pela cunhada, escrevia á sua ex-escrava.

« Quando eu vos arranquei das mãos dos infieis, comprando-vos, não era meu pensamento fazer-me desgraçado nem preparar-me desgostos; ao contrario, pretendia prevalecer-me do destino sobre o designio dos homens para dispôr de vós á minha vontade e fazer-vos, um dia, minha filha ou minha amante.

... Poderieis ser hoje a amante de um turco que partilharia a sua ternura com mais vinte mulheres; em quanto eu vos amo unicamente e de maneira a desejar que tudo nos seja com-

um dispondo vós do que é meu como de mim proprio... Tomae tento, observae as cousas com cautela e procurae impedir que as más linguas tenham o menor motivo contra vós; recommendo-vos tambem a necessaria circumspecção na escolha das vossas amizades, ás quaes não vos deveis unir cégamente; e com esse proceder só dar-me-eis contentamento, dando-vos tambem a oportunidade de encontrar em mim o que não encontrareis em ninguem mais, sem falar nos laços que nos unem indissolivelmente. E com todo o coração eu te abraço minha cara Aissé.»

Infelizmente o coração da formosa circassiana não podia obedecer a taes conselhos, porque se votára a um elegante e bravo mancebo, o cavalleiro de Aydie, com quem tivera uma filha que foi baptisada occultamente com o nome de Celina Leblond. Dois annos depois do apparecimento desse fructo de amores immoderados, em 1722, M. de Ferriol morria, deixando-lhe, alem de uma renda vitalicia de quatro mil libras, mais um *vale* de importante somma que seus herdeiros lhe deviam entregar.

Mme. de Ferriol exasperou-se com esse compromisso, e tanto falou, tanto disputou, que a bella princeza circassiana, num rasgo de altivez, reduziu o compromisso a cinzas deante da terrivel cunhada do seu fallecido ex-senhor e devotado protector.

Mademoiselle Aissé manteve estreitos laços de amizade com a aristocracia franceza; seu palacio era frequentado pela fina flôr do luxo, da bravura e da intellectualidade. Voltaire, sempre lisonjeiro, participava da sua intimidade, e Hénault, Montesquieu, e d'Alembert visitavam-na.

Mademoiselle Aissé falleceu em 13 de Março de 1733, deixando á posteridade as suas *Memorias*, avidamente lidas, pela graça da sua narrativa, pela fidelidade dos retratos dos que foram seus contemporaneos e pelo ardor da sua paixão pelo elegante e bello cavalleiro d'Aydie que morreu em 1761, á volta de uma caçada. Celina Leblond transmittiu aos seus descendentes, alguns dos quaes se tornaram illustres, os finos traços da raça materna.

Rio — Setembro de 1908.

ANDRÉ DE REZENDE.





## COMEÇOS LITERARIOS DO BRAZIL

### II

**H**A vagas e incertas noticias de uma chronica escripta em pernambuco talvez antes do meio do seculo de 500. Seria por ventura o primeiro escripto feito no Brazil. Sobre se não saber nada a seu respeito, nem do seu autor, se quer se era brasileiro, é duvidoso tivesse tal escripto alguma importancia para a historia da nossa literatura. Mas independentemente da sua existencia e qualificação literaria «foi Pernambuco o lugar em que abrollhou a flor literaria em nossa patria. (1)

«Para este resultado, explana o insigne sabedor que o verificou, concorreu mais de um factor. Pernambuco desenvolveu-se regularmente: Duarte Coelho desde o desembarque e empossamento da terra domou os indios, que nunca mais fizeram-lhe frente com bom exito; os colonos viram logo remunerados os seus labores; o solo era fertil; a vida facil; a sociabilidade e o luxo consideraveis; a população branca em geral de origem commum (Vianna apresentando menos elementos desparatados, mais de presa tendia á unificação; o sentimento característico do nosso seculo XVI — o desprezo e desgosto pela terra brasileira, o transoceanismo... ali primeiro arrefeceu. Acrescente-se a facilidade e frequencia de viagens á Europa, a consequente abundancia de commodidades, cuja ausencia allures tornava o paiz detestado e detestavel; o natural versar de livros historicos, como os de João de Barros, em que fulgiam os nomes de Albuquerque e Duarte Coelho, a tendencia literaria dos capitães mores da terra... que escreveram livros.» (2)

Em 1601 saia em Lisboa da imprensa de Antonio Alvarez um opusculo de dezoito paginas, in-4º, trazendo no alto da primeira do texto este titulo *Prosopopea dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, e Governador de Pernambuco, nova Lusitania, etc.* O nome do autor, Bento Teyxeyra, vinha, assim escripto, em baixo do Prologo, no qual fazia ao seu heróe o offercimento da obra.

E' um poema, de noventa e quatro oitavas, em verso endecassyllabo rimado, sem divisão de cantos, nem numeração de estrophes, cheio de reminiscencias, imitações, arremedos e parodias dos *Lusiadas*. Não tem propriamente

acção, e a prosopopéa donte tira o nome está numa fala de Prothen, prophetizando *post facto* os feitos e a fortuna, exageradamente idealizados, dos Albuquerque, particularmente de Jorge, o terceiro donatario de Pernambuco, ao qual é consagrado.

Não tem merito algum de inspiração, poesia ou forma. Afóra a sua importancia chronologica, de primeira producção literaria publicada de um brasileiro, pouquissimo valor tem. No meio da propria ruim literatura poetica portugueza do tempo — aliás, a só attender a data em que possivelmente foi este poema escripto, a melhor epoca dessa literatura — não se elevaria este acima da multidão dos maus poemas Iguaes.

O poeta ou era de si mediocre, ou bem novo e inexperiente quando o escreveu. Confessa aliás no seu Prologo já gongorico antes do gongorismo (tanto o vicio é da nossa raça) que eram as suas «primeira primicias.» Não se sabe se veio a dar fructos mais sazonados. Nos seus setecentos e cincoenta e dous versos apenas haverá algum, notavel pela idéa ou pela forma, e são na maioria prosaicos, como são banaes os seus conceitos. A lingua não tem distincção ou relevo, e o estylo traz já todos os defeitos que maculam o peor estylo poetico do tempo, e seriam os distinctivos da má poesia portugueza do seculo seguinte, o vasio ou o affectado da idéa e a penuria do sentimento poetico, cujo realce se procurava com afeites mythologicos e reminiscencias classicas, improprios e incongruentes, sem sombra do genio com que Camões, com successo unico, restaurára esses recursos na poesia do seu tempo.

Conforme a regra classica, começa o poema pela invocação. E' de justiça reparar que o começa com uma novidade, a invocação é desta vez dirigida ao Deus dos christãos:

Alem de Deus, invoca a Jorge de Albuquerque «o sublime Jorge em quem se esmalta a estirpe de Albuquerques excellente» com versos directamente imitados dos *Lusiadas*.

A memoria fresca do poema de Camões está por todo o poema do nosso patricio, em que não ha só reminiscencias, influencias, mas versos imitados, parodiados, alguns quasi integralmente transcriptos, e ainda allusões á grande epopéa portugueza. Nada, porém, comparavel ao genio criador com que Camões soube imitar e superar os seus modelos.

Depois da invocação preceitual segue-se no poema de Bento Teixeira, como tambem era de regra, a «Narracão» expressamente designada no livro.

A acção do poema é falada ou narrada. Prothez a diz de sobre o recife de Pernam-

(1) Capistrano de Abreu, Introducção á *Historia do Brazil* por Frez Vicenie do Salvador, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, do Rio de Janeiro, XIII, II.

(2) Mesmo autor *obr. e lug. cit.*



buco. Seis estrophes o descrevem, de um modo insipido, pura e seccamente topographico:

Pera a parte do Sul, onde a pequena  
Ursa, se vê de guardas rodeada,  
Onde o Ceo luminoso mais serena,  
Tem sua influção, e temperada.  
Junto da nova Lusitania ordena,  
A natureza, mãy bem atentada,  
Hum porto tam quieto, e tam seguro,  
Que pera as curvas Naus serve de muro.

E assim por diante sem nada que lhe eleve  
o tom até a poesia.

Dali, por ordem de Neptuno, prophetiza  
Protheu, num largo canto em louvor dos Albu-  
querque e nomeadamente de Jorge, a quem  
se endereça esta prosopopéa. Vê Protheu

a opulenta Olinda florescente  
Chegar ao cume do supremo estado  
Será de fera, e bellicosa gente  
O seu largo districto povoado,  
Por nome terá, Nova Lusitania,  
Das Leys isenta da fatal insania.

Esta Lusitania será governada por Duarte  
Pacheco «o grão Duarte» que o poeta, pela  
voz de Protheu, compara a Eneas, o Publio  
Scipião, a Nestor e a Fabio. E tudo o que até  
então tinha passado com os Pachecos e Albu-  
querque, já celebrados por Camões, occorre  
a Protheu, que o prophetiza posteriormente,  
desmedindo-se no louvor e encarecimento.  
Acaba o poema, pouco originalmente, com as  
despedidas do poeta, repetindo a promessa de  
voltar com um novo canto

Por tal modo que cause ao mundo espanto.

Jorge de Albuquerque Coelho, o motivo se-  
não e heroé deste poema, era filho de Duarte  
Coelho, primeiro donatario de Pernambuco,  
onde Jorge nasceu, em Olinda, em 1539. O em-  
phatico padre Loreto Coutto (1) falando delle  
como de sujeito verdadeiramente extraordiná-  
rio, assevera que «ainda que Pernambuco não  
tivera produzido outro filho bastaria este para  
sua immortal gloria.» E mais, que «foi este  
insigne pernambucano um daquelles espiritos  
raros para cuja producção tarda seculos inte-  
iros a natureza, pois á sua rara virtude e in-  
signe valor, acrescentou uma erudição rara, e  
conhecimento das letras humanas.»

Uma e outros não teriam sido adquiridos  
no Brazil. Se são exactas, como parece, as no-  
ticias de Jaboaão, (2) Jorge de Albuquerque

criou-se em Portugal, onde aos 14 annos se  
achava. Com 20 voltou a Pernambuco, donde  
tornou ao Reino, em 1565, aos 26 annos, após  
a sua brilhante campanha contra os indios da  
capitanea.

Nesta viagem para Portugal soffreu o nau-  
fragio celebre da nau *Santo Antonio* que o  
levava, cuja Relação, escripta pelo piloto Affonso  
Luiz e reformada por Antonio de Castro, foi  
attribuida a Bento Teixeira. (1)

Em Portugal «foi de todos applaudido de  
cortesão, generoso, discreto, liberal affavel e  
modesto.» (2) Em summa, se havemos de crer  
os seus panegristas mais proximos delle, e os  
que os copiaram, teria sido um portento de  
gentilezas guerreiras e de virtudes civis.

Poemas com a *Prosopopéa* do nosso patri-  
cio, que este heróe motivou, em tudo medio-  
cres, endereçados a potentados e magnates, ar-  
mando-lhes á benevolencia e protecção, eram  
frequentissimos e superabundavam na biblio-  
graphia da epoca.

Em todos os tempos poetas e literatos fo-  
ram inclinadissimos á bajulação dos poderosos.  
Casando-se geralmente pouco o seu genio com  
o arduo de uma existencia de trabalho e es-  
forço proprio, e amando sobretudo os lazeres  
da vida ociosa, propicios ás suas invenções e  
imaginações, para os haverem sacrificam de  
boa mente á vaidade dos grandes dos quaes,  
sem mais fadiga que a de cantal-os e louval-os,  
esperam lucrar taes ocios, muito seus queridos.  
Igualmente caroaveis da grandeza, pompa e  
luxo do seu viver, com o que facilmente se  
embevecem esses entes de imaginação e fan-  
tasia, á satisfação desse gosto immolam brios  
e melindres.

Em Portugal taes poetas e literatos faziam  
até parte da domesticidade da corte ou das  
grandes casas fidalgas e ricas, que os aposen-  
tavam e pensionavam, em troca dos poemas e  
escripturas com que infallivelmente celebravam  
a familia em cada um dos successos domes-  
ticos, nascimentos, casamentos, mortes, façanhas  
guerreiras, vantagens sociaes obtidas, anniversa-  
rios.

Como havia destes poetas effectivos, priva-  
dos, caseiros, os havia tambem occasionaes,  
mas não menos promptos ao louvar hyperbo-  
lico, á lisonja emphatica, á bajulação rasteira,  
em cambio da protecção solicitada ou em paga  
de alguma graça obtida.

Na sociedade de então, o homem de letras,  
ainda sem publico que o pudesse manter, e até  
forçado a apenas muito limitadamente exercer  
a sua actividade, quasi só dos principaes pelo

(1) *Desagravos da Brazil e glorias de Pernambuco nos An-  
naes da Bibliotheca Nacional*, Rio, 1904, vol. XXIV, 325.

(2) *Novo Orbe Serafico*, Rio de Janeiro, 1858, II, 181.

(1) Pode-se ler essa narração no tomo 2º da *Historia tra-  
gico maritima* e no XIII da *Revista do Instituto Historico*.

(2) Loreto Cuntto, *obr. cit.*, 326.



poderio e riqueza, que acaso lhes estimassem as prendas sem os estimar a elles, podia viver. Frequentemente eram estes que lhes mandavam imprimir as obras, que sem taes patronos difficilmente achariam editores. Taes costumes, explicaveis e por ventura desculpaveis pelas condições do tempo, passaram naturalmente do Reino á sua colonia da America, onde os vice-reis, governadores e capitães generaes e môres faziam de reis pequenos, e os fazendeiros e senhores de engenho, e outros magnates locaes, substituíam ou arremedavam os grãos senhores do Reino. Tanto passaram que desde as suas primeiras manifestações, a poesia, e depois toda a especie de literatura, foi aqui por muito inspirada daquelles motivos e consideravelmente aulica. Aulicismo, arcadismo, gongorismo, foram sempre aliás traços característicos das letras portuguezas.

Quer em Portugal, quer no Brazil, duraram estes costumes, quando já não eram tão justificados, até o seculo passado. Não sei aliás se é possível dizer estejam de todo extinctos. Mais certo será que tenham antes variado e se transformado do que desaparecido por completo as formas e modos com que poetas e literatos sempre atiraram ao patrocínio dos poderosos, adulando-os em prosa e verso. Seja por que ainda pésa sobre elles essa herança, seja por que continuem a preferir alcançarem por taes meios o que só com fadiga e difficuldade lhes daria trabalho mais honesto, é certo que o costume não desapareceu de todo.

Bento Teixeira fica, pois, sendo não só o primeiro, em data, dos poetas brazileiros, mas o patriarcha dos nossos «engrossadores» literarios. E de ambos os modos, progenitor fecundissimo de incontavel prole.

E' muito provavel que simultaneamente com elle, se não antes, houvesse o Brazil produzido outros poetas aulicos, isto é, cujo principal motivo de inspiração fosse conseguir o patronato de algum poderoso da terra.

O mundo se dividiu sempre entre patronos e clientes. Todavia não sabemos de nenhum que o antecedesse ou vivesse ao seu tempo. Conjectura-se com bons fundamentos houvesse composto o seu poema nos ultimos annos do seculo, com certesa depois do desastre de Dom Sebastião em Africa, em 1578, a que já o poema se refere. Talvez nos arredores de 1596, que neste anno ainda vivia Jorge de Albuquerque e o poema foi composto quando elle vivo.

De Bento Teixeira, como elle o assignou, ou Bento Teixeira Pinto, como tambem lhe escreveram o nome, nada mais se sabe alem da noticia do bibliographo Diogo Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, publicada em 1741: que nasceu em Pernambuco e era «igualmente perito na Poetica e na Historia.»

Não diz nem o lugar, nem a data do nascimento. Um chronista pernambucano, posterior a Barbosa Machado, o citado padre Coutto, noticiador geralmente de segunda mão, apenas acrescenta era de Olinda. (1) Delle não ha nenhuma noticia contemporanea, e estas mesmas vagas informações, de mais de um seculo posteriores, não foram jamais verificadas ou ampliadas por quaesquer investigações ulteriores. Outras noticias que delle ha em escriptores mais modernos são de pura inventiva dos seus autores.

Chama-lhe de «perito na historia», o bibliographo Machado, e com este o padre Coutto, que simplesmente o repete, por lhe attribuirem ambos a obra em prosa *Dialogo das grandezas do Brazil*.

Como começou a provar Varnhagen em 1872 (2), e pode-se hoje ter por incontestavel, essa obra, a mais interessante da primitiva literatura do Brazil, não é de Bento Teixeira. (3) E é pena, pois vale muito mais do que a sua trivial e insipida *Prosopopéa*.

Como quer que seja marca esta o primeiro passo dos Brazileiros na vida literaria, é o primeiro documento da sua vontade e capacidade de continuarem na America a actividade espirital da metropole.

Publicada ali, ali mesmo se teria sumido confundida na massa enorme de quejandas producções. Talvez ficasse até desconhecida do Brazil. Não só não ha mais menção ou memoria della que as duas indicadas, ambas em summa de origem portugueza, mas outro poeta brazileiro, Manoel Botelho de Oliveira, dando á luz um livro de versos um seculo depois, gabava-se de ser o primeiro brazileiro que os publicava. E dos dous unicos exemplares originaes que se lhe conhecem, o unico existente no Brazil, na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, veio de Portugal (onde está o outro na Bibliotheca Nacional de Lisboa) na collecção do citado Barbosa Machado. (4)

Não se sabe de outra obra poetica brazileira publicada ou somente escripta no seculo XVI, a não ser um «Soneto por eccos» ou consoantes feito pelo proprio Bento Teixeira ao mesmo Jorge de Albuquerque, que ocorre na pagina final do opusculo do *Prosopopéa*. Escripito em castelhano, dá ainda peor idéa do poeta do que este poema.

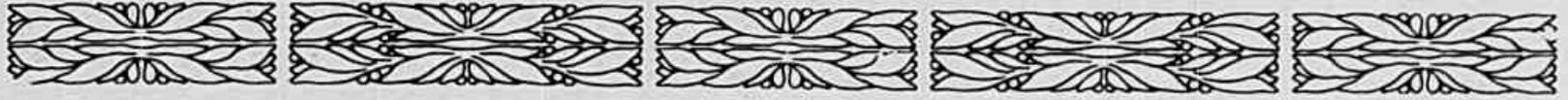
(1) *Obr. cit.*, XXV, 7.

(2) Carta ao Ministro do Exterior no *Diario Official* de 6 de Novembro de 1872. Cp. José Verissimo, *Estudos de Literatura Brazileira*, IV, 25.

(3) Sobre a questão da autoria desta obra ver, alem das citadas, Capistrano de Abreu, *Os dialogos das Grandezas do Brazil* na *Rev. do Inst. Archeol. e Geog.* pernambucano, XI, 1904, 559.

O sciante escriptor não conseguiu, como é o primeiro a declarar, senão apontar "dous rastros novos."

(4) A nossa Bibliotheca Nacional o reimprimiu em edição *fac scimile* em 1873, com este titulo *Prosopopéa* por Bento Teixeira, Reprodução fiel da edição de 1601 segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro.



O portuguez de origem flamenga Pero de Magalhães de Gandavo, autor de uma estimada *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil*, publicada ainda naquelle seculo, diz no *Prologo ao leitor* que não faltavam nesta terra pessoas de engenho e curiosas que por melhor estylo e mais copiosamente pudessem escrever essa historia. A sua modesta e graciosa insinuação argúe a existencia no Brazil, em meio do seculo XVI, de sujeitos capazes de por em escriptura as cousas da historia da terra e outras. Não sei até que ponto devemos aceitar-lhe a lisongeira opinião. O futuro Fr. Vicente do Salvador, primeiro historiador brasileiro do Brazil, e unico que lh'a justificaria, era então um rapazinho e só viria a escrever no seculo seguinte. As pessoas a quem se refere o singelo e excellentes Gandavo é natural fossem antes portuguezes educados em Portugal do que brasileiros aqui instruidos. Nem a instrucção iniciada no Brazil pelos Jesuitas nos seus collegios de 1549 em diante poderia ter dado fructos apenas passados poucos lustros. As licenças para a impressão do livro de Gandavo são de 1575. Também não é provavel houvesse já por esse tempo brasileiros de cultura europeá, capazes do empreendimento para que os supunha aptos.

Aquelle tempo, a sociedade que se aqui formava lenta e difficultosamente não tinha, nem podia ter mais preocupações que as da vida

material, apenas temperadas das suas praticas tradicionaes e corriqueiras de religião e devoção. A lucta com a terra e com o indigena primeiro, e depois com os interlopos, não lhes deixava os lazeres e o conforto que o trato das letras exige. O heróe e patrono de Bento Teixeira, Jorge de Albuquerque, tinha levado cinco annos a debellar o gentio revoltado e hostil do litoral do S. Francisco e seu sertão. (1)

O citado minucioso chronista dos *Desagravos do Brazil e glorias de Pernambuco*, fazendo «memorias de alguns naturaes desta provincia que compuzeram e imprimiram no seculo XVI,» apenas nomeia dous, o proprio Bento Teixeira e o seu patrono, o mesmo Jorge de Albuquerque.

As obras que lhe attribue o chronista, papeis politicos, um escripto de devoção e até requerimentos de serviços, tudo nunca impresso, certamente não teriam algum valor literario.

De tudo quanto com certeza sabemos da sociedade brasileira do XVI seculo, podemos com toda a verosimilhança concluir que o unico documento literario memoravel dessa epoca é justamente este insignificante poema da *Prosopopéa*.

JOSÉ VERISSIMO.

(1) Jaboatão, *Obr. cit.*, II, 181.





## ENRICO FERRI E O CLERICALISMO

NÃO foram as ideias pregadas sobre o proletariado, sobre a condição da mulher na sociedade, sobre os delictos e os delinquentes e outras questões interessando a civilização moderna, que motivaram essa symptomatica serie de contradictas ao illustre sociologo italiano.

E' bastante ver de onde partiu a reacção para que não haja duvida quanto ás intenções dos reaccionarios.

O Brazil estava positivamente abandonado ás garras do clericalismo ultramontano, mercê da conducta inpatriotica sinão criminosa dos governos da Republica.

A palavra de Enrico Ferri veio quebrar o silencio, para não dizer o somno cataleptico da nossa jovem nacionalidade, em contraste com a obra de solapa a que se entregaram os emisarios de Roma, expulsos dos centros europeus. Dahi essa reacção em nome dos suppostos sentimentos religiosos do povo brasileiro, reacção a que vão se prestando conscientemente, mas tambem inpatrioticamente os que se cobrem com a bandeira da religião para atacar o regimen politico que é justamente a garantia da liberdade espiritual de que gosam e abusam.

Ninguém acredita que o movimento socialista nas suas diversas modalidades possa incomodar o espirito ultramontano, sempre disposto ás mais illogicas accomodações no terreno dos factos. A famosa incyclica *Rerum novarum*, de Leão XIII, é uma prova disso. Ninguém comprehende tambem que a Igreja romana se apressasse em combater por intermedio dos seus servidores uma theoria scientifica sobre a constituição biologica da mulher ou um systema sociologico de delictos e penas, só pelo prazer de oppór doutrina contra doutrina.

Não é isso que preoccupa o Catholicismo.

O papado, que elle seja representado por Alexandre Borgia com o nome de Alexandre VI, ou por José Sarto, com o nome de Pio X, teria preferido sem duvida que a mulher se conservasse um pouco mais ignorante dos seus destinos e por isso mesmo mais apegada á mentira theocratica.

Quanto á questão da criminalidade pouco se importa elle que prevaleça o livre arbitrio ou o determinismo scientifico, uma vez que já não lhe é permittido entreter a terrivel fogueira em cujas chammas devoradoras costumava purificar de heresia os que ousavam pensar por si mesmos, como os Servet e os Jordano Bruno.

O que incommodou as associações religiosas representadas pelos condes romanos e os aspirantes a essa especie de nobresa bastarda de que a nossa lei não cogita, foi simplesmente o facto da haver o notavel pensador italiano chamado a attenção dos poderes publicos para o perigo a que nos expomos si nos deixarmos dominar pelas confrarias expulsas da França e aqui protegidas pela liberdade de consciencia.

Não foi certamente uma novidade o que disse Ferri porque isso mesmo que affirmou o illustre sociologo está na consciencia de todos os homens cultos, que vêm justamente nessa invasão de padres e frades estrangeiros uma tremenda ameaça aos destinos da democracia brasileira. E tanto ha nessa affirmação uma profunda verdade, que o sentimento de seita se manifestou immediatamente, a pretexto de combater as theorias do scientist, mas de facto para ter uma oportunidade de chamar a postos os velhos reaccionarios de sacristia, e repetir mais uma vez o sedico chavão tão caro a hyprocrisia, que a maioria dos brasileiros é exclusivamente catholica! Si o espirito clerical não tivesse comprehendido que nessa affirmação estava o grito de alarma do livre pensamento contra a obra do obscurantismo que elle encarna e perpetúa como meio de triumpho, teria certamente sacudido os hombros e deixado passar o relampago, embora o clarão lhe perturbasse um momento a tranquillidade do antro.

Que disse afinal o professor italiano que pudesse provocar a furia ultramontana? Affirmou uma verdade e foi quanto bastou para que se infunasse de colera a vela da reacção.

Talvez se justificasse essa attitude dos servidores do vaticano, si Ferri para provar que não exaggerava, chamando a attenção dos brasileiros para o perigo que os ameaça, passasse em revista a historia do papado afim de rememorar as scenas de orgia, os crimes monstruosos, os actos de simonia, a vergonha das indulgencias e outras abjecções que assignalaram o abysmo entre a suave e consoladora doutrina de Jesus, e a secular parodia do paganismo representada pelos successores de S. Pedro.

Ao ver lembradas as torturas inquisitorias que precediam as fogueiras dos autos de fé, as ferozes perseguições movidas deshumana e friamente aos sectarios de outras religiões, as sangrentas crusadas que se desdobraram de espaço á espaço em horriveis morticinios, a perversidade com que certos pontifices, celebres na historia, procuraram, escudados na força que lhes dava o fanatismo, humilhar imperadores e reis, comprehende-se que o ultramontanismo, amarrado de chofre ao pelourinho da verdade, usasse do direito de espernear, direito que ninguém contesta aos que são feridos de morte.



Os espectros de Alexandre Borgia e de Gregorio VII, o primeiro envenenando na luxuria, no incesto e no assassinato o anel do pescador, o segundo, monstro de orgulho, inflingindo a tortura da humilhação a Henrique IV, no Castello fortificado de Canossa, são realmente duas patentes negações do christianismo!

Mas Enrico Ferri não mergulhou tão fundo na historia. Limitou-se a invocar a conducta dos papas mais recentes, que, sitiados pela tendencia moderna dos povos, já não podiam ser máus como foram alguns dos seus antecessores protegidos pela ignorancia e pelo fanatismo. Recordou a acção do papado representado nos tres ultimos pontifices, Pio IX, Leão XIII e Pio X, e isso bastou para demonstrar que entre a Igreja romana e a civilização não ha conciliação possível.

E' o proprio chefe da Igreja quem o diz em pleno seculo XIX; é Pio IX, um papa de hontem, quem confirma, apoiado em documento de alta importancia para a christandade, que considera uma heresia sustentar a possibilidade duma conciliação entre a Igreja Catholica Romana e a civilização moderna; é esse mesmo pontifice, tido por um dos soes da religião, quem proclama um acto de demencia pensar que o homem possa ter liberdade de consciencia e direito de manifestal-a pela tribuna e pela imprensa.

Precisava Enrico Ferri de outros factos para sustentar o perigo do clericalismo, quando é a propria Igreja Catholica quem declara que só concede á humanidade o direito de estagnação na ignorancia?

E era preciso que o papado o dissesse? Os factos ahi estão antecedendo a affirmativa. A Hespanha é um exemplo da politica tenebrosa do clericalismo que lhe fez perder não só as energias como todos os territorios situados fóra do continente europeu. O gigante que se estendia sobre tres continentes, acabou reduzido ao territorio primitivo graças á politica do obscurantismo e da perseguição movida pelas ordens religiosas, politica que teve as suas ultimas consequencias nas Philippinas, onde os indigenas não podendo supportar a oppressão dos conventos, preferiram se entregar ao protectorado duma nação protestante.

Portugal ainda soffre as consequencias do analphabetismo romano. A Italia vegetou até 1870, fragmentada e abatida sob o guante secular do papado retrogrado, só começando a reviver depois da obra de unificação que a libertou da acção nefasta do clericalismo.

A França para não ter a mesma sorte da Hespanha sinão talvez peor, viu-se obrigada a tomar uma resolução suprema, expulsando do seu territorio os inimigos systematicos da civilização e do progresso.

Diante desses exemplos Ferri não tinha necessidade de se entregar a fundas escavações historicas para assignalar o perigo que nos ameaça. E não era preciso que o sabio italiano viesse abrir os olhos ao governo brasileiro porque a conducta da Igreja para com a Republica, já o devia ter posto no bom caminho. Por uma deferencia ao chefe da Igreja, mantemos uma legação junto ao Vaticano, forçando assim os principios de direito internacional que não autorizam representação diplomatica sinão de soberano a soberano, e violando abertamente a nossa constituição politica, que não cogita de seitas religiosas, nem faz distincção entre ellas, por isso que garante a todas a mais ampla liberdade espiritual de accordo com a lei, isto é, conforme o principio de direito publico moderno que proclama a igreja livre no Estado soberano. Ainda, por um desvio das normas republicanas e para satisfação de vaidades diplomaticas, fomos até ao Vaticano negociar a nomeação d'um Cardeal brasileiro, cuja investidura nos custou consideraveis sacrificios pecuniarios. E, como um erro conduz a outro erro, tivemos de fazer novos sacrificios para auxiliar o Cardeal a manter a dignidade da purpura.

Agora o modo porque se correspondeu a tanta generosidade é que é realmente original.

O proprio Cardeal, que não tem patria por isso mesmo que é Cardeal, encarregou a um dos seus subordinados de insultar diariamente do pulpito, numa serie de conferencias não só o governo republicano como todos os homens da Republica, e não contente com isso mandou que se desrespeitasse a bandeira nacional dentro duma igreja, numa solennidade em que tomavam parte em caracter particular, representantes das forças armadas.

Como porém, o papa junto de quem temos uma legação, é solidario com a conducta do seu representante no Brazil, não deixou tambem de desconsiderar o nosso pavilhão numa festividade em que tomavam parte as republicas sul-americanas, mandando que elle fosse retirado do meio das outras bandeiras.

Taes factos são caracteristicos. Ferri não fez mais do que constatar uma verdade porque, ninguem se illuda: libertamos-nos da escravidão e da monarchia sem derramar uma gotta de sangue, mas não conseguiremos nos libertar por esse preço do clericalismo que ameaça reduzir-nos á situação da Hespanha! O proprio clero brasileiro, cujas tradições de liberalismo são conhecidas, está sendo grandemente prejudicado pelo actual movimento ultramontano que vae avassalando tudo com enorme perigo para a Republica e para os destinos da nossa nacionalidade.

SILVA MARQUES.

## RECORDAÇÕES DE VIAGENS

TENUES e fugases raios solares se reflectiam em gigantescos *cumulus*, que se assemelhavam a montanhas ambulantes, a errar no espaço infindo; já se ouviam o balido das ovelhas, o grunhido dos porcos, o berro altitroante da bezerrada, o relinchar da cavallhada a reclamarem todos, em unisono e ensurdecador appello, a sua racção vespertina, quando apeei em uma pittoresca e confortavel morada de paredes alvadias.

O frio caracteristico dos altos sertões, soprado por uma brisa embalsamada, suave, aromatisada pelo perfume esquisito das flores e das grammineas, já se fazia notado. Eu viajava escoteiro, de sorte que me tive de dirigir ao morador, para lhe solicitar uma pousada.

Annunciei-me, e em seguida apeei, a solicitações suas.

Um movimento desusado, que notei na sala, denunciou-me a existencia de facto anormal e lugubre, que se passára, revelado pelo facies constricto, pelas exclamações e suspiros languorosos dos que se viam pelas immediações da porta, tristes, cabisbaixos.

Alem, para os lados do engenho e ao pé do paiol, erguiam-se algumas *barracas*, avermelhadas pela tinta das estradas.

Cavillos esqueleticos, cachorros na espinha, crianças esqualidas e sujas, com o corpo em plena nudez; mulheres com nauseabundos andrajos pendurados ao corpo; homens de pelle acoberada, cobertos de enormes chapéos de grosseira palha, calças em frangalhos, camisas em tiras, tudo isto alli se via indicando o estado de inclemente miseria daquella pobre gente, em promiscuo convivio.

Lia-se-lhes no semblante a expressão caracteristica de uma dôr acerba a torturar-lhes o coração.

Eram ciganos, gente nomade, que vagueia pelos sertões, como impellida por uma força psychica a que obedece cegamente.

Vivem do furto e de transacções illicitas, que fazem sobre o producto de seu crime.

Mal se aproximam de uma pessoa, propõem-lhe uma *barganha*.

Dormem aqui e amanhecem kilometros além, conformes ás injunções da indecorosa e arriscada profissão adoptada.

Quando semelhante horda se avizinha de um morador, este se alarma e se previne para impedir a delapidación de sua propriedade.

As transacções do cigano se fazem de preferencia sobre animaes; porém se estendem tam-

bem a todo e qualquer objecto, que puder adquirir pelo furto. Não é raro se os vêr propondo *barganha* de facas com bainha de prata, armas de fogo, joias, etc.

A pessoa que com elles negocia pôde ter a convicção de que não pratica um acto licito — a origem de sua propriedade é invariavelmente o roubo ou o furto.

Como se vê, têm noção positiva de um socialismo exagerado, em que o direito de propriedade se reduz á mera presumpção da posse disputavel pelo mais audaz e astuto.

Em regra não apoiam os seus direitos nas armas; mas não são raros os exemplos de reacções armadas, oppostas por elles contra os que lhes pretendem turbar a illicita propriedade.

Arguto, o cigano permuta um bom animal de sella, de valôr, por um sendeiro qualquer. Quando o faz é porque tem a certeza de que o legitimo dono lhe vem ao encalço. O facto é que elle encontra sempre individuos de *bôa fé* com quem fazer as suas trasacções.

O povo no geral teme os ciganos, porque tem a certeza de que no seu arrastão alguma cousa lhe levará.

Quando chegam em um morador, as mulheres invadem a casa a solicitar recursos para a sua cosinha.

Mais pelo temor, que pelo espirito de caridade, os moradores lhes fornecem o necessario.

Elles se submettem a um determinado regimen. Ha um chefe a que todos obedecem cegamente.

Falam uma *algaravia* incomprehensivel.

Tão logo me vi em meio destes perigosos larapios, recommendei a meus camaradas que collocassem os animaes em pasto fechado (potreiro), e ercendo a maxima vigilancia, para que me não deixassem a pé no seguinte dia.

Com certo constrangimento penetrei na sala da casa, ampla, tendo alguns catres encostados á parede, uma pesada mesa de balsamo, collocada ao meio, e sobre esta o cadaver ainda quente de uma linda rapariga de corridos e negros cabellos, que em voluptuosas madeixas lhe ornavam a bella cabeça.

Constringiu-se-me o coração ao deparar aquelle piedoso quadro.

Sobre 4 palmatorias de latão se ardiam esguias e esfumacentas velinhas de cêra a illuminar aquella sala, que a noite escurecia.

A morte não fora o effeito de uma chronica enfermidade, nem a obra inopinada de uma invasão morbida de marcha accelerada.

As suas mãos, alvadias como o seu rosto de alabastro, tinham a base das unhas enegrecidas.

Igual symptoma se manifestava no rosto, por baixo das palpebras.

Um subito ataque a matára, disseram-me.

Vestia singelamente, porem as suas roupas eram limpas e bem feitas.

Trasia uma camisa de rendas e bordados, que lhe occultava imperfeitamente os entumecidos seios. Compreendi sem esforço que se não tratava de uma cigana.

Aquelle collo voluptuoso, roliço, alvo, coberto de finos e tenues pellos não mais arfava. Mostrava-se-lhe gracil o sulco de linhas delicadas, formado pela elevação das mamas, ainda erectas.

A sua physionomia era serena. Parecia que dormia um somno delicioso, tal a ponta de sorriso que se lhe delineava na comessura dos labios, ora arroxeados.

Descançava a gracil cabeça sobre um travesseiro roliço de palha de milho.

Seus pés nús, revelavam certo cuidado. As unhas eram limpas e cortadas rentes.

Era um pé fino, bem talliado, pequeno, possuindo covas graciosas. Cingia-lhe a cintura uma saia de cretone vermelho-listrado.

Suppuz a principio tratar-se de uma pessoa da familia do morador, mas essa falsa supposição se desfez, quando vi que os ciganos iam e vinham, debulhados em profundo pranto.

Perguntei ao dono da casa quem era; e elle respondeu-me: é a mulher do chefe dos ciganos.

Indicou-me então um homem espadaúdo, que se achava sentado em um môcho, a um canto, com o olhar fincado no cadaver.

O seu mutismo era absoluto; parecia uma estatua.

Li-lhe no semblante a dôr immensa que lhe lacerava a alma.

As mãos, tinha-as sobre os joelhos, em attitude de um vencido.

Uma grande tigela com agua benta, na qual imergiram um ramo de alecrim, foi collocada ao lado do cadaver.

De um em um, os presentes tomavam do improvisado hyssôpe, mergulhavam-no na tigela e orvalhavam o cadaver com a agua, que as folhas glaucas do alecrim trasiavam adherentes.

Eu havia chegado em momento angustioso para toda aquella gente. O meu coração se me constringia ante tão triste espectáculo; mas a renovação do organismo exigia alimento: e assim tive de solicitar do Sr. Fidencio (era este o nome do dono da casa) a bondade de me mandar preparar um jantar, que sem grande demora foi servido na *varanda* (sala de jantar) de sua casa.

Commumente os hospedes são servidos na sala de visita, porque o homem do matto, muito judiciosamente, só acolhe no seio de sua familia pessoas do seu intimo conhecimento.

Havia eu voltado á sala mortuaria, depois de obter do Sr. Fidencio permissão para me

aboletar em seu paiol, quando presenciei uma scena estranha e dolorosa.

O homem que eu vira estatelado a um canto e que se me informou ser chefe dos ciganos, marido presumptivo da morta, levanta-se cauto. Caminha para a meza onde estava o cadaver, contempla-lhe o angelico e já desfigurado rosto, arfa estertorosamente o peito oppresso pela dôr, que o acabrunha, e curva-se.

Toma-lhe a dextra, acaricia-a entre as suas, orvalha-a com as suas lagrimas, que se lhe desprendiam em grossos bategas e beija-a soffregamente.

Deixa-a, olha para o rosto que lhe parecia sorrir, reclina a cabeça sobre elle e beija-o impetuosamente.

Comtempla os seios, toca-lhes a mão em doce e meiga caricia, e debruçando-se, beija-os longamente.

Um convulso choro faz-lhe erguer o busto por momentos.

Reclina-se novamente sobre o cadaver e, cousa estranha, manifestação esquisita, expressiva e vehemente de um lascivo affecto, lambe-o cadenciadamente!

Fiquei perplexo ante aquella scena de dôr intensa, aquella manifestação incontida e immoderada de uma paixão, que o infortunio levou ao seu auge.

Tive a impressão de que o homem perdera o uso da razão.

Sim; é admissivel que se beije respeitosa-mente a um cadaver de pessoa cara; mas é inconcebivel que haja um sentimento tão indomavel, que impilla um homem a lambel-o.

Haviam se passado algumas horas; o frio cadaverico já se manifestava, a decomposição se começara, o perigo de uma infecção se patenteara, como pois se explicar essa scena repulsiva?

Era a obra de um amor louco, indomito, que transtornou por momento aquella cerebro francamente avassalado por um sentimento profundo, intenso, que lhe perturbou momentaneamente o equilibrio normal.

Foi então que comprehendí porque aquella homem se expunha a uma grave infecção, lambendo um cadaver, e assim se expondo a um grande perigo, pela deglutição de micro-organismos, que naquelle instante pullulavam por certo sobre a superficie externa do corpo. Toxinas violentas se formavam externamente sob a influencia desses mesmos infinitamente pequenos, desses *dx* da vida; e no entretanto elle zombava de tudo, expondo se n'uma inconsciencia lastimavel.

Como, de que modo pudera esse homem apoderar-se de uma tão linda e gracil rapariga?

Foi a interrogação que assaltou-me o cerebro.



Indagando de uma velha cigana, que me pareceu sua mãe, e que effectivamente o era, consegui saber a historia dessa posse extranha que só a violencia poderia explicar.

Sim; não era crível que uma rapariga fina, como ella parecia ser, se houvesse deixado conquistar por um cigano, muito embora fosse elle um bonito typo de homem.

Em resumo, narrou-me o modo pelo qual elle se tornou o amante da infeliz moça.

Vivia ella em companhia de sua mãe viuva, em uma fazenda.

Seu unico irmão se transviara e abandonara o tecto materno.

Seu pae perseguira violentamente os ciganos, atacando-os em differentes occasiões.

Um odio mortal se levantou entre estes e aquelle.

Certo dia o fazendeiro foi encontrado morto a beira de um regato, perdido dentro de densa matta. Tinha o peito varado por bala.

Homem perseguidor e máo, ninguem pode precisar com segurança donde lhe teria vindo a morte. Falou-se nos ciganos, porém não havia noticia delles.

O crime ficou impune.

A propriedade entrou em decadencia.

A moça, certo dia, com permissão de sua mãe, fora visitar uma aggregada, que morava distante meia legua.

Não mais regressou á casa.

Mil commentarios se fiseram sobre sua desaparição.

O chefe dos ciganos jurára vingar-se do fazendeiro.

Nem mesmo após a sua morte tragica, esse odio se arrefecera.

Astuto, rondava á casa no intuito de praticar uma vingança qualquer. Fora elle que raptára a infeliz moça.

Não é raro encontrar-se pelos sertões typos de belleza peregrina, creados pelas influencias de um clima delicioso e ameno.

A natureza exuberante dos planaltos centraes, as pompas da sua luxuriante vegetação, a multiplicidade de panoramas arrebatadores, a pureza das fontes, a brandura dos raios solares, a suavidade e esplendor da luz mística da lua, o echo do trovão a ribombar pelas quebradas, esmaecendo de intensidade; a caricia enternecedora da brisa dos campos empregnada do aroma das flores, o balido das ovelhas, o berro do gado, tudo isto concorre para que a mulher se forme sob essas influencias e lhes copie os encantos.

O odiento cigano apoderou-se da desapercibida rapariga, amordaçou-a e içou-a ao seu veloz corcel.

Galopou pelos campos em fora até muito longe.

Quando já não tinha que temer, deu-lhe liberdade aos movimentos. Era tarde para que lhe pudesse oppor qualquer resistencia.

O medo que se apoderou della foi de tal ordem, que pode saciar seus lubricos desejos sem maiores resistencias.

Estava vingado: tinha feito áquella desventurada familia a maxima vingança.

A belleza da rapariga impressionou-o de tal forma, que uma paixão inenarravel dominou-lhe o coração.

Rodeou-a de caricias, de atencões, proporcionando-lhe compensações á sua desventura.

Não quiz a natureza que, das relações de semelhante natureza entre dous individuos, que se encontraram aproximados pelo odio, surgisse um ser, que fatalmente seria o organ de uma reconciliação futura.

De natureza pouco expansiva, a rapariga correspondia ás caricias automaticamente. Uma dôr latente minava-lhe o organismo.

Pouco dormia. O somno lhe era interrompido por dyspnéas horriveis, que ella occultava do amante.

Um dia, após penosa jornada, mal chegára ao pouso e se apeara, sentio uma forte dôr no coração; mas nem teve tempo de deixar fugir uma exclamação: caio inerte na gramma verde, entremeadada de minusculos arbustos em florescencia.

Eis a historia dessa pobre moça, como me foi referida pela velha mãe do chefe dos ciganos. Soube por ella que no instante preciso em que se deu o seu fallecimento, tivera o filho identica e extranha crise, beijando e lambendo nervosamente a rapariga.

Pela manhã empreehendi a marcha do dia, sem comtudo ter dormido tranquillamente. Durante á noite ouvi por vezes canticos lugubres, rezas monotonas, que me faziam perder o somno. Até tarde velei o cadaver. Depois retirei-me para o paiol.

Ignoro o que se passou depois que me puz a caminho.

Ha bastantes annos que esta triste scena se passou, mas foi tão profunda a impressão deixada em meu espirito, que até hoje della me recordo em seus menores detalhes, com o coração constricto.

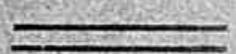
EDUARDO SOCRATES.



# A SAUDE DA MULHER

E' O MEDICAMENTO INFALLIVEL NAS MOLESTIAS DO UTERO. E' SUPERIOR A' ERGOTINA NAS HEMORRHAGIAS, MAIS ACTIVO DO QUE O "APIOL" E "APIOLINA" NAS SUSPENSÕES E MENSTRUAÇÕES DIFFICEIS, MAIS EFFICAZ QUE OS "FERRUGINOSOS" E A "QUINA" NAS FLORES BRANCAS E DE EFFEITO MAIS PROMPTO E DURADOURO DO QUE A MORPHINA E TODOS OS CALMANTEs NAS COLICAS UTERINAS E FINALMENTE. 

FACILITA PRODIGIOSAMENTE O PARTO

**BROMIL**  O MELHOR XAROPE CONTRA  
 **COQUELUCHE**  
**E BRONCHITE** 

Cura qualquer tosse em 24 horas

 **VIDRO 2\$000** 

 \*

LABORATORIO:

Em Porto Alegre — **DAUDT & FREITAS**

DEPOSITO GERAL:

Rio de Janeiro - **DROGARIA PACHECO**